



Universidade de Brasília - UNB

Instituto de Artes - IDA

Departamento de Artes Cênicas - CEN

Marina Xavier Paes

**Decifra-me ou devoro-te: um olhar sobre o potencial provocativo da
mediação de teatro e do ensino de arte na formação do espectador.**

Brasília, 2016

Marina Xavier Paes

Decifra-me ou devoro-te: um olhar sobre o potencial provocativo da mediação de teatro e do ensino de arte na formação do espectador.

Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Cênicas, com habilitação em Licenciatura, do departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Profº Dr. Jonas Sales

Co-orientadora: Profª Ms.Cecília de Almeida Borges

Brasília, 2016

Sumário

INTRODUÇÃO	4
Capítulo 1: A ARTE E OS OUTROS.....	9
Capítulo 2: ARTE NA EDUCAÇÃO: PROJETOS E PERSPECTIVAS	14
2.1 Projeto Arte Educação	14
2.2 Instituto Popular de Arte Educação.....	17
Capítulo 3: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE MEDIAÇÃO DO ESPETÁCULO “ALGO QUE NÃO É FALADO”	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS.....	36
ANEXOS	39

- Questionários/depoimentos sobre o Projeto Arte Educação.
- Carta aberta aos professores das escolas que receberam o espetáculo “Algo que não é Falado”.
- Programa do espetáculo “Algo que não é Falado”.
- Questionários de espectadores do espetáculo “Algo que não é Falado”.
- Fotos do espetáculo “Algo que não é Falado” em escolas.
- Texto teatral do espetáculo “Algo que não é Falado”.

Introdução:

A presente pesquisa propõe um olhar sobre o potencial provocativo do trabalho de mediação cênica, bem como acompanhar alguns projetos de arte educação e refletir sobre seus impactos na formação estética dos estudantes.

O termo usado para figurar um trabalho pedagógico feito com um grupo de espectadores para estimular ou facilitar a autonomia de interpretação de cada indivíduo a partir de uma obra cênica é “mediação cênica”. A importância desse estímulo se dá pelo fato do espectador também exercer uma função criativa na cena. O evento estético só se completa quando o observador elabora sua compreensão da obra. Essa ideia foi amplamente discutida pelo pesquisador/professor Flávio Desgranges, autor do livro “Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo”, uma das inspirações deste trabalho. Assim, ele enfatiza que.

podemos ressaltar um primeiro aspecto pedagógico presente na experiência com a arte: a atitude proposta ao contemplador. Ou seja, o fato artístico solicita que o indivíduo formule interpretações próprias acerca das provocações feitas pelo autor, elaborando um ato que é também autoral. (DESGRANGES, 2006, p.28.).

Nesse sentido, o espectador vai criar uma relação, não apenas no que diz respeito à obra em questão, mas também a suas próprias referências. A leitura do indivíduo sobre a obra não está ligada apenas à compreensão da linguagem teatral, mas principalmente à elaboração dos fatos encenados para gerar uma criticidade que transcenda a arte e ganhe espaço no campo da realidade cotidiana. Uma interpretação é única e não se baseia apenas no que está em cena, mas em toda a bagagem que o sujeito traz consigo com a qual interpreta os signos cênicos. Quanto maior for a constância em que o aluno for exposto a tais signos e interagir com eles, maior será seu repertório de leitura da cena, como afirma o doutor em artes cênicas, Jonas Sales (2004):

É importante que o aluno seja incentivado a conhecer o objeto artístico no seu cotidiano, de maneira que essa convivência venha a ser freqüente e possa propiciar a percepção do que está em seu meio. A relação do aluno (interagindo) com o objeto artístico contribuirá para a percepção dos objetos de convivência cotidiana desse aluno para a leitura do universo de imagens em torno de si mesmo e também propiciará uma rica compreensão das produções artísticas que podem ser percebidas nesse universo. (SALES, 2004, p.14).

A mediação pedagógica¹ é uma ferramenta de provocação que pode ter o potencial de desencadear no espectador um processo reflexivo. A presente monografia nasceu do

¹ O termo Mediação Pedagógica também pode ser usado para se referir à mediação de qualquer tipo de obra de arte, não apenas as de natureza cênica.

desejo de investigar o impacto da mediação pedagógica na leitura estética de espectadores em fase escolar, assim como o contato direto com o ensino de artes. Algumas experiências foram determinantes para que essa temática se tornasse relevante em minha trajetória estudantil.

Neste sentido, a pesquisa propõe uma reflexão a respeito dos impactos da mediação de produções teatrais e de experiências estéticas na educação. As estratégias metodológicas para realizar a pesquisa são: a análise de materiais (questionários respondidos por alunos/espectadores) colhidos durante o trabalho de mediação do espetáculo “Algo que não é Falado”; e também a análise do discurso de alunos e professores do Instituto Popular de Arte Educação - IPDAE de Porto Alegre e do extinto Projeto Arte Educação, de Goiânia.

A pesquisa encontra algumas perguntas norteadoras. Que tipo de impacto o teatro tem na formação do sujeito? Qual o papel da experiência estética na escola? O contato com o teatro no período escolar contribui para uma educação cidadã? O trabalho de mediação estimula de fato a autonomia dos alunos? Essas problemáticas alavancaram a pesquisa, embora encontrar respostas exatas para elas não seja uma ambição nesta monografia. Os objetivos específicos da pesquisa são:

- Fazer um estudo teórico sobre a Pedagogia do Espectador;
- Refletir sobre o roteiro de mediação criado para o espetáculo “Algo que não é Falado” que foi apresentado a alunos do turno noturno de escolas públicas em regiões administrativas do Distrito Federal, colhendo dados através de questionários respondidos pelos estudantes;
- Buscar informações através de reportagens artigos, entrevistas e questionários respondidos por ex-alunos e educadores a respeito do trabalho do Instituto Popular de Arte Educação - IPDAE de Porto Alegre e do extinto Projeto Arte Educação, de Goiânia.

Aposto como significante, a breve passagem que tive pelo Projeto Idas e Vindas², contribuindo também para esta reflexão. A proposta do projeto era integrar alguns trabalhos artísticos, realizados por alunos do Instituto de Artes, com os campi da Universidade de Brasília e também com a comunidade externa. Dessa forma, alunos de escolas públicas eram convidados a conhecer os espaços da universidade e ter contato com concertos, aulas, exposições e cenas universitárias. Todas essas atividades eram costuradas com propostas de mediação. O espetáculo que dirigi na disciplina de direção I, “Algo que não é

² O Projeto Idas e Vindas foi um projeto de extensão que buscava integrar as produções artísticas realizadas no Instituto de Artes – IDA (Campus Darcy Ribeiro) com a comunidade escolar (secundaristas) e universitária (principalmente com alunos dos outros campi). Os trabalhos artísticos de diversas linguagens (música, teatro, artes visuais) eram apresentados e os alunos de extensão elaboravam estratégias de mediação para cada obra.

Falado” em 2013, participou de uma das edições do Idas e Vindas. Assim, conheci a pedagogia do espectador.

O espetáculo “Algo que não é falado”, texto de Tennessee Williams, traz alguns temas polêmicos, tais como: homo-afetividade, desejo sexual e afetivo entre pessoas de classes sociais e faixas etárias muito distintas, dificuldade de revelar sentimentos íntimos. Na ocasião da estreia do espetáculo, em uma das edições da mostra universitária semestral Cometa Cenas, a plateia era formada, principalmente, por artistas e estudantes da academia que, de alguma maneira, estão habituados a refletir e discutir sobre as diferenças. Acredito que pelas citadas características dos espectadores, as questões polêmicas levantadas na peça não causaram espanto ou incômodo no público devido já terem uma vivência com a leitura de obras teatrais.

Meses depois recebemos um convite, por parte dos organizadores do Projeto Idas e Vindas, para que nos apresentássemos para alunos de uma escola pública de Planaltina-DF. A resposta desses alunos (do 8º ano do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio, entre 13 e 17 anos) ao espetáculo foi bem diferente da que recebemos na estreia. Durante o debate posterior à apresentação, eles demonstraram uma forte indignação pela maneira como o tema da homoafetividade é abordado na cena.

No debate, houve um aluno que afirmou com veemência que a relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo é errada e recebeu uma salva de palmas do restante da turma. A presença dos mediadores foi de total importância, pois estimularam os estudantes a analisar a questão do ponto de vista da tolerância e a se questionarem a respeito dos valores e opiniões atribuídos ao amor nas relações humanas por diferentes pessoas, épocas e lugares.

Saí dessa experiência com a certeza de que, apesar do choque, as provocações mediadoras fizeram com que aqueles alunos fossem para suas casas pensando a respeito das questões colocadas. Ficou muito claro para mim que existe a necessidade de um trabalho pedagógico de formação de espectadores.

Outra vivência que fortaleceu em mim o desejo dessa pesquisa foi passar dez meses como educadora estagiária do Programa Educativo no Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília. Nesse projeto, grupos (em sua maioria escolares) são recebidos por arte educadores para visitas mediadas às obras de arte presentes nas galerias.

Em 2015 o espetáculo “Algo que não é Falado”, dessa vez com patrocínio do Fundo de Apoio à Cultura – FAC, foi apresentado para alunos do turno noturno de escolas públicas de Ceilândia, Planaltina, Gama e Sobradinho, com propostas de mediação cênicas elaboradas por mim. Dessas experiências foi retirado o material necessário para realizar a

primeira parte da pesquisa. Isso caracteriza a metodologia dessa pesquisa como pesquisa-ação.

Pesquisa-ação, segundo o doutor Guido Irineu Engel (2000), é uma metodologia de pesquisa que pretende preencher a lacuna entre teoria e prática. Nesse caso, o pesquisador é também um proponente e praticante engajado nas situações pesquisadas. Cria-se assim, um ambiente de aprendizado para todos e a separação entre sujeito e objeto de pesquisa vai se diluindo. Além disso, é uma pesquisa situacional, ou seja, estuda um problema específico em um contexto específico e não alcança resultados generalizáveis.

A segunda etapa da pesquisa parte do desejo de resgatar minha trajetória educacional e artística. Tive minhas primeiras aulas de teatro através do Projeto Arte Educação, em Goiânia. Esse projeto se propunha a oferecer educação artística com diversas linguagens no período do contraturno da escola à alunos em vulnerabilidade social. Acredito que essa oportunidade tenha sido importante para minha trajetória estética, educacional e humana.

Posteriormente, descobri em Porto Alegre um projeto com alguns pontos semelhantes ao já citado. O Instituto Popular de Arte Educação oferece a crianças e jovens da periferia cursos completos de música clássica, onde ao final de alguns anos o estudante domina um instrumento musical e está pronto para a prova de habilidades específicas do curso de música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Buscando pesquisas acadêmicas sobre esses projetos descobri que nada foi escrito a respeito destes. Coloco então um capítulo analisando os discursos de alunos, ex alunos e professores dos mesmos. Creio que iniciativas e propostas de arte educação como essas também contribuem para responder as perguntas problematizadas pela presente pesquisa, bem como apontam caminhos possíveis e talvez de mais sucesso do que os apresentados na educação formal.

Para oferecer respaldo teórico à reflexão, a presente pesquisa se serve principalmente de textos do pós-doutor Flávio Desgranges (2002), atual professor da graduação e da pós-graduação do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e pesquisador engajado na pedagogia do espectador.

A monografia também dialoga com Ana Mae Barbosa (1989), Professora de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA, uma das principais referências brasileiras em arte-educação e, mesmo tendo como principais áreas de atuação espaços como museus e galerias de arte, suas reflexões também podem, de algum modo, contribuir para discussões no teatro sobre mediação de peças teatrais.

Fazendo uma possível ponte entre a mediação teatral e a museal, a mestre em artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS) Patrícia Gusmão Maciel (2014) fala sobre a dimensão poética do mediador.

Além desses pesquisadores, o trabalho também se utiliza de declarações de alunos, professores e ex-alunos para construir uma reflexão que trata da importância do contato com experiências teatrais na formação de um sujeito autônomo e cidadão.

Capítulo 1: A arte e os outros

Que tipo de relação o teatro tem travado com seu público na contemporaneidade? Quão conectados essas duas partes estão agora, diante de um sensível esvaziamento das plateias e das galerias? Será que as pessoas estão se afastando da arte ou seria o contrário?

Para auxiliar nessa discussão, trago o professor Flávio Desgranges (2002), um pesquisador que aborda a perspectiva do espectador e a potencialidade pedagógica da relação entre público e obra de arte, em especial no caso das artes cênicas. Para este autor existem dois fatores que sustentam a pesquisa e realização de práticas pedagógicas de formação de espectadores. A primeira delas diz respeito à necessidade de preparar os indivíduos para responder a enxurrada de signos ao quais estão expostos, em uma sociedade cada vez mais midiaticizada. É preciso investir na formação crítica do observador para que ele possa perceber os recursos espetaculares usados pelos meios de comunicação que o cercam e analisar os sentidos do conteúdo veiculado nesses locais.

O segundo fator de sustentação de uma proposta de mediação cênica pelas artes cênicas é a necessidade da participação dos espectadores para a concretização do evento teatral. Para que o teatro realmente trave diálogos produtivos com a comunidade e possa contribuir e acompanhar as transformações sociais é importante o olhar crítico e potencialmente criativo do espectador. Uma obra de arte que não tem nada a trocar com o observador talvez esteja perdendo bastante. "Pois, da mesma maneira que o evento artístico não acontece sem o ato produtivo que cabe ao contemplador, a arte não pode travar um diálogo franco, visceral, ressonante com a vida social sem a participação desse último." (DESGRANGES, 2006, p. 156)

Como diz o fragmento acima, aquele que contempla a obra de arte tem um papel produtivo, sem o qual o evento artístico não se completa. É através do espectador que acontece a troca entre a cena e a vida social. O diálogo entre esses pólos é que alimenta a experiência estética no teatro.

Em seu livro "A pedagogia do espectador", esse autor fala sobre um fenômeno que chama de "crise da sala vazia" (p.19). O público de teatro é cada vez menor e as cadeiras vazias se multiplicam frente os olhos dos atores. Essa questão vem sendo discutida há décadas e os profissionais do teatro levantam algumas possíveis justificativas: a popularização da televisão e do cinema, que seduz espectadores e também artistas dos palcos; o valor alto dos ingressos; a crise político-social que o Brasil sofreu em função da censura militar, que mergulhou o país em um período de silêncio; o fato do teatro nunca ter

se arraigado na cultura brasileira. Todos esses pontos têm importância inquestionável, porém, não esgotam a complexidade da ligação entre o teatro e a sociedade. A hipótese levantada por Desgranges está ligada à modernidade e seus desdobramentos, intensificados na contemporaneidade. Para ele:

O esvaziamento das salas teatrais reflete, possivelmente, o de uma arte essencialmente coletiva que se vê em confronto com a solidão da era moderna. O individualismo, marca da modernidade, ganha expressivas tonalidades nessa virada de século e talvez transforme o teatro em um evento pouco sedutor. (DESGRANGES, 2002, p. 22)

Nesse ponto, Desgranges pontua um possível erro estratégico dos artistas de teatro desde à modernidade. Segundo ele, o cinema é um exemplo de atividade artística muito bem frequentada, e tem como característica uma cena estática, ou seja, uma vez finalizada, não será alterada. Ir ao cinema sozinho, com amigos, ou assistir ao filme em casa não altera a experiência. A cena terá sempre o mesmo ritmo, a mesma trilha sonora, as mesmas piadas e falas, não importa quantas vezes seja exibida. A natureza do teatro é diferente, o público pode reagir imediatamente à cena e interferir nela. Por isso cada apresentação tende a ser única, tanto para o artista quanto para o público. No entanto, o pesquisador aponta que, na tentativa de se encaixar no padrão mercadológico, o teatro tem produzido peças muito voltadas para as individualidades. Espetáculos que se alteram pouco ou nada com a presença do espectador, não considerando as trocas possíveis entre o espetáculo e o público, que apenas espera o fim da cena. Essa proposta se choca com a própria natureza do teatro, que está ligada à troca, ao risco, ao aqui e agora, ao questionamento constante.

Dentro dessa ótica, a solução que Desgranges propõe para a “crise do teatro” vai além de facilitar o acesso à obra. É preciso que os artistas encarem a importância do olhar do espectador para a completude do evento teatral, entendendo que sua participação não está limitada a pagar o ingresso e aplaudir no final. Por que fazer teatro? Para quem? Para dizer o que? Essas perguntas são indispensáveis no trabalho cênico. O teatro não é um pequeno círculo de iniciados, é um espaço de comunidade e é dever do artista abri-lo para que o espectador se sinta participante ativo do movimento artístico e ator de seu próprio tempo. Como diz Desgranges:

Como um livro que só existe quando alguém o abre, o teatro não existe sem a presença desses outros com o qual ele dialoga sobre o mundo e sobre si. Sem espectadores interessados nesse debate, o teatro perde conexão com a realidade que se propõe a refletir e, sem a referência desse outro, seu discurso se torna ensimesmado, desencontrado, estéril. Não há evolução ou transformação do teatro que se dê sem a efetiva participação dos espectadores. (DESGRANGES, 2002, p. 27).

Avalio que um público pronto para o debate estético também está pronto para qualquer outro tipo de debate que o mundo lhe exija, pensando nisso, investir na formação

estética desses espectadores também faz parte de sua valorização. Mas que formação estética? Para Flávio Desgranges, a capacidade de construir narrativas, ligada ao hábito de ouvir e contar histórias, está intimamente relacionada à capacidade de construir e compreender os fatos que constituem a própria trajetória do sujeito. A possibilidade de analisar o passado, enxergar as possibilidades do presente e traçar para si um futuro desejável é ação daqueles que enxergam em si poder linguístico para leitura de mundo. A capacidade do espectador de interpretar signos vai se ampliando a cada nova experiência estética, estimulando cada vez mais a autonomia de seu olhar sobre a obra e suas possibilidades de diálogo entre a cena e o cotidiano.

Ainda sobre a leitura estética, o pesquisador Glauber Abreu, ao tratar da experiência estética que a obra de arte proporciona trava diálogo com os conceitos do primeiro e do segundo ser, de Larrosa (2013). Dentro dessa perspectiva, ao fazer a leitura de uma obra o expectador precisa abandonar o seu primeiro ser, que enxerga o mundo de forma cartesiana, para dar lugar ao segundo ser, que é capaz de ler o mundo com atravessamentos poéticos. A partir disso, exige-se do expectador de teatro uma disposição para mudança, como Glauber afirma no trecho a seguir:

Ao mundo interpretado e administrado, não lhe cabem atravessamentos; o conhecimento novo é sempre formatado a partir de contextos previamente delineados e controlados. Neste mundo, quase não se pode exercer o princípio da alienação, por exemplo, porque quase tudo já se catalogou, já se revelou. A transformação que caracteriza a experiência estética só é possível diante do abandono do primeiro ser. Por isso, em oposição a ele, está o “segundo ser”, que habita o mundo vivido poeticamente (...). O segundo ser abandona aquele primeiro, despatriando-se, desmatriando-se, e criando para si a condição necessária para que a experiência poética seja feita. (ABREU, 2015, p. 33).

Mas esse não é um potencial apenas do teatro e sim da arte. A pesquisadora Ana Mae Barbosa (1989) foi diretora do Museu de Arte Contemporânea – MAC e, apesar de trabalhar principalmente com artes plásticas, traz considerações importantes a respeito do trabalho do arte educador no processo de formação do consumidor de arte em geral. Para ela, a arte educação tem a missão de vencer o abismo aparente entre a estética da obra artística e a estética cotidiana que alimenta os olhares de incontáveis indivíduos e os educa para gostarem de tudo o que se produz em larga escala. Outro importante conceito trazido pela pesquisadora é o da alfabetização estética, que consiste em oferecer ao observador as ferramentas necessárias para que ele próprio leia a obra de arte. Metaforicamente, a autora compara esse trabalho ao que fazem as professoras na pré-escola, ensinam as letras, sílabas e fonemas para que os alunos possam travar contato com as palavras e desvendar por si mesmos os sentidos dos textos. No entanto, o termo “alfabetização” pode nos levar à idéia de que o aluno realmente precisa ser “ensinado” a ler as obras de arte. Será que a

própria vivência cotidiana já não cumpre esse papel? Avalio que possivelmente sim, pois a vida em sociedade está carregada de bagagem cultural e estética.

É importante esclarecer que, a formação do espectador não pretende carimbá-lo com a maneira “certa” de ler a obra de arte e sim estimular a sua autonomia interpretativa, deixando-o livre para ligar os signos apresentados com qualquer fato de sua bagagem individual de cultura, decidindo inclusive se gosta ou não daquela estética ou mensagem. Ana Mae comenta que

Ao arte-educador compete ajudar o público a encontrar seu caminho interpretativo e não impor a intenção do curador, da mesma maneira que a atitude de adivinhar a intencionalidade do artista foi derogada pela priorização da leitura do objeto estético, por ele produzido. (BARBOSA, 1989, p. 126)

A autora diz que, para ajudar o público a encontrar seu caminho interpretativo é preciso primeiro que ele perceba que esse caminho é individual. Durante minha experiência como mediadora no CCBB, pude receber muitas turmas de diferentes lugares, idades e classes sociais. Nas vivências com alunos pelas galerias de arte com obras dos mais variados estilos estéticos, eu pude constatar que a pergunta que mais me fizeram foi: “E qual o significado dessa obra?”. Essa indagação pode representar uma insegurança por parte do observador, como se apenas um especialista pudesse compreender tal linguagem. Nem sempre essa pergunta vinha dos estudantes, alguns professores também procuravam por respostas simples, claras e conclusivas. Creio que a maneira com a qual as experiências estéticas são conduzidas dentro da sala de aula influenciam fortemente o nível de autonomia do consumidor de arte. Em algum momento foi dito, direta ou indiretamente, para as pessoas, que a opinião dos críticos de arte é a correta e vale mais que a delas.

Frente a isso, a dimensão afetiva da mediação torna-se importante para ajudar observador a se apropriar daquele espaço (teatro, museu, galeria, etc) e se sentir confortável para lançar um olhar criativo sobre as obras. Para isso o mediador pode, inclusive, se munir de artifícios poéticos que busquem provocar o espectador a sair dos lugares de passividade e se posicionar. As possibilidades de artifícios como esses são várias e vão desde perguntas bem construídas à materiais audiovisuais, podendo passar também por contação de histórias ou relatos pessoais. O mediador também pode ser, em determinados pontos, um artista da educação. Sobre isso, a mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Patrícia Maciel (2014), em seu artigo “A mediação poética na experiência estética: Paralelos possíveis entre a mediação museal e teatral” tece o seguinte comentário:

Ao incentivar o surgimento do mediador poético, possibilita-se que a arte não tenha uma interpretação, mas múltiplas interpretações, de acordo com o tempo e a

necessidade do seu fruidor - o que não configura erro ou insuficiência na apreensão da obra de arte - devolvendo, assim, o prazer da fruição e o re-encantamento frente à obra. É neste sentido que refletimos sobre as metodologias de mediação museal e teatral.(MACIEL,2014)

A retomada desse prazer na fruição, a meu ver, é um dos principais objetivos do trabalho de mediação. Quando um espectador se afeta com uma obra de arte, ele possivelmente desejará viver outras experiências como essa no futuro. Isso pode ser positivo não apenas para o mercado cultural, que terá um público cada vez mais cativo e engajado, mas também para toda a comunidade. Sentir-se inserido em atividades culturais pode contribuir para o fortalecimento da cidadania e do pertencimento do indivíduo nos processos sociais. O espaço de cultura é também um espaço de reflexão sobre a política e a sociedade. Nesse sentido, a arte pode estimular o indivíduo a problematizar as questões que o cercam e assim buscar soluções, tornando-se um cidadão cada vez mais autônomo. A partir disso, a arte e a educação têm um potencial transformador, e é sobre ele que se trata o próximo capítulo, no qual apresentarei os resultados de dois projetos de arte-educação.

Capítulo 2 - Arte na educação: projetos e perspectivas.

O espaço do ensino de artes na rede de ensino regular hoje no Brasil foi conquistado e se mantém pelo esforço de educadores engajados e responsáveis. No entanto, o alcance desse trabalho dentro das escolas ainda é significativamente limitado por alguns fatores tais como: baixa carga horária, salas de aula lotadas, falta de material e formação de professores. Com o objetivo de suprir essas demandas existe uma série de projetos artístico pedagógicos que, com recursos do estado ou da iniciativa privada, oferecem a alunos em idade escolar o contato com linguagens artísticas e experiências estéticas. Fui aluna de um projeto como esse em Goiânia, inclusive também trato dele no presente capítulo. Considero que as experiências artísticas que tive com o teatro naquela ocasião foram transformadoras e impactaram todas as dimensões da minha vida. Aluna, cidadã, filha, mulher, artista... minha relação com o mundo e o que penso sobre o lugar que ocupo nele foram se modificando a partir das provocações que o projeto me apresentou.

2.1 - Projeto Arte Educação

O Projeto Arte Educação, criado em Goiânia no ano 2000 a partir de uma parceria entre a Fundação Jaime Câmara, a Secretaria Municipal de Educação de Goiânia e a Arquidiocese de Goiânia. O objetivo desse projeto era oferecer um apoio à educação formal, atendendo crianças carentes de 6 à 14 anos em horário contrário ao do ensino regular. Eram realizadas atividades artísticas e culturais organizadas entre artes visuais, teatro, capoeira, dança, percussão, coral, espaço do ler e escrever (reforço da alfabetização), cantinho da leitura (contação de histórias), xadrez e inglês. Além disso, os alunos e suas famílias também tinham acesso à atendimento psicológico. Havia quatro núcleos do projeto na cidade que atendiam juntos cerca de 1000 alunos nas regiões de Riviera, Vila Rosa, Itatiaia e Goiânia Viva.

Metodologicamente o trabalho acontecia da seguinte maneira: os alunos escolhiam dentre as linguagem oferecidas pelo projeto quais elas gostariam de estudar e assim montavam suas próprias grades horárias. Isso já era um grande estímulo à autonomia das crianças, que sentiam seus gostos e opiniões contemplados. Uma vez por semana os professores se juntavam em duplas para ministrar aulas interdisciplinares, dando a oportunidade dos estudantes conhecerem também um pouco das linguagens que por acaso não estivessem em suas grades horárias.

A cada ano o projeto elegia uma temática central para ser trabalhada com os alunos, geralmente ligada a valorização da cultura goiana ou das histórias da comunidade. Bimestralmente cada núcleo realizava um evento de culminância com uma pequena

apresentação para os familiares dentro da temática do ano, contemplando todas as linguagens estudadas durante o período. Ao final do ano os núcleos criavam um espetáculo com estrutura maior para ser apresentado em um teatro não apenas para as família mas também para os patrocinadores e apoiadores do projeto.

Os alunos de teatro que se destacavam nas culminâncias poderiam ser convidados pelos professores a participar de uma turma avançada, com aulas na sede da Fundação Jaime Câmara. Essa possibilidade servia de estímulo para que as crianças se dedicassem com mais disciplina nas apresentações. A turma avançada unia alunos de todos os núcleos do projeto e também alguns que não participavam dele, promovendo um intercâmbio variado de experiências. O grupo era acompanhado por um professor e um diretor de teatro e aconteciam montagens de espetáculos financiados pela própria fundação, com direito a circulação por algumas cidades de Goiás. Assim se formou o que, por um tempo, foi chamado de Grupo de Teatro Arte Educação. Tive a oportunidade de participar desse grupo e durante a presente pesquisa entrei em contato com alguns colegas daquela época. Eles responderam um pequeno questionário (em anexo), em que a maioria ressalta a importância dessa experiência em sua formação pessoal. Segue abaixo um trecho do depoimento de uma dessas pessoas, que permitiu ser identificada:

“O projeto foi uma das melhores coisas que me aconteceram. Talvez, sem ele, nunca tivesse me descoberto como atriz, nunca tivesse tido oportunidades de trabalhar dentro de uma universidade pública com mídias educacionais, nunca tivesse conseguido ver o mundo com olhos de esperança. O projeto me mostrou o mundo de uma maneira espetacular, de um jeito que, escola convencional alguma conseguiria me mostrar. Me fez entender que sempre existe uma maneira de colorir o mundo, de acreditar em você mesmo e nos outros, de que é possível levar as artes em todos os lugares, e que com certeza uma criança que pode se envolver com isso, tem um leque de opções. O projeto teve seu fim em 2013, e acredito que foi uma grande perda para a sociedade goiana. Se eu não tivesse o projeto na minha vida, provavelmente teria ficado em casa assistindo TV todas as tardes, e perdido o melhor que a vida tem a oferecer. Acredito que todas as crianças deveriam ter a oportunidade de viver o Projeto Arte Educação.” (Mysllene Paixão, 24 anos em 02/10/2016)

O discurso de Mysllene mostra que, para ela, as oportunidades oferecidas pelo projeto geraram uma mudança significativa de perspectiva em relação não apenas ao futuro, mas também a sua maneira de relacionar-se com a vida. Sua declaração de que a escola convencional jamais poderia cumprir o papel que esse projeto teve em sua história e o lamento pelas crianças que deixaram de participar por causa do encerramento do Arte Educação são mais uma comprovação de que a ex aluna é capaz de analisar e contextualizar seus próprios processos educacionais bem como a conjuntura social em que está inserida. Outros relatos de alunos foram colhidos em 2012 pelo jornal O Popular, que publicou uma matéria sobre o projeto com entrevistas e declarações de algumas crianças participantes. Um dos entrevistados foi o João Lucas Vieira e Silva, de 10 anos que há

quatro havia começado a fazer parte das atividades no núcleo Itatiaia. Segundo a reportagem:

João Lucas confessa que, no início, ia para o projeto com “preguiça”. “Eu achava que o mundo era ver TV, jogar vídeo game e comer. Não tinha ânimo nem pra estudar. Agora gosto de jogar bola e fazer outras coisas legais. Minhas notas são boas”, contou, orgulhoso. O garoto contou que antes de ingressar nas atividades do projeto era “uma criança triste”. “Estou até mais forte agora para enfrentar bullying dos colegas na escola, porque sou gordinho. Ainda fico muito triste com isso mas não faço nada pois sou contra a violência”, disse o menino que sonha em ser médico. (O POPULAR: Goiânia - GO. 12 de dez. de 2012)

Nesse pequeno trecho já podemos observar no discurso de João Lucas que as experiências que teve no Projeto Arte Educação o levaram a refletir sobre si mesmo, suas vivências diárias, sua relação com os outros, sua postura diante da violência e seus desejos. Isso vai ao encontro do que diz Desgranges a respeito do quanto a experiência estética nos ajuda a lançar um novo olhar sobre a realidade. Outra aluna entrevistada por Renata foi Daniela Martins, então com 14 anos, que se despedia do projeto por ter atingido a idade máxima de permanência. Sobre o impacto que essas atividades tiveram na vida da menina a reportagem diz:

Durante nove anos participei desse projeto que me introduziu nas artes e na vida, pois vivia dentro de uma bolha’, conta. “Eu nunca teria tido a chance de ter contato com canto, dança, inglês e outras modalidades em aulas totalmente gratuitas. Pude aprender a conviver com o diferente, lutar por direitos e contra preconceitos”, avalia. Ela ressalta que, se tivesse ficado sozinha em casa sem fazer nada, sua vida não teria perspectivas de melhoria como hoje. (O POPULAR: Goiânia - GO. 12 de dez. de 2012)

Daniela, no trecho acima, mostra o quanto o contato com a arte influenciou sua maneira de viver em sociedade e pensar um futuro melhor. A partir dos relatos dessas pessoas podemos observar que, para elas, o Projeto Arte Educação trouxe benefícios não apenas por lhes ensinar alguma linguagem artística, mas também por alimentar suas percepções de cidadania.

Preparar o indivíduo para o exercício da cidadania é, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB Artigo 2º, uma das principais finalidades da educação no país. Nessa mesma lei a autonomia intelectual e do pensamento crítico aparece como uma das principais finalidades do Ensino Médio (Art. 35), ou seja, o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo sua formação ética e crítica é encarada como primordial para construção da cidadania. Quando questionada sobre a contribuição do Projeto Arte Educação no processo de construção da autonomia e da cidadania dos alunos, uma das ex professoras do projeto, Karine Ramaldes Vieiras formada em Artes Cênicas pela UFG, diz:

Com certeza a participação das crianças no projeto estimulava a autonomia das mesmas, pois a Arte é uma grande estimuladora da autonomia, faz com que a pessoa aprenda a lidar com suas dificuldades e superá-las, aponta possibilidades diferentes de se expressar e comunicar, faz com que as pessoas reflitam sobre aspectos diferentes dos aspectos refletidos no cotidiano, estimula visões diferentes do mundo ao redor. (...) a arte gera novas possibilidades de ver o mundo, e também de se ver no mundo. Hoje ainda tenho contato com vários alunos que participaram do projeto e é notório como são pessoas mais sensíveis, a Arte mexeu com cada um deles de alguma forma. (KARINE RIBEIRO, 32 anos)

A declaração de Karine nos aponta o potencial que o ensino do teatro possui de fomentar a autonomia dos indivíduos. O sujeito que trava contato com a arte, o teatro e se entrega a experiências artísticas é estimulado a se tornar autônomo não apenas no que faz, mas também no que pensa e como pensa. Essa dimensão reflexiva da autonomia pode ser aquilo que aproxima o aluno da cidadania e talvez da alteridade.

No final do ano de 2013 o Projeto Arte Educação encerrou suas atividades. Segundo uma das gestoras do projeto, Veruska Bettiol, a razão que levou ao fim o trabalho de treze anos foi a dificuldade de atender a meta quantitativa de estudantes atendidos nos bairros, tendo em vista o crescimento significativo das escolas em tempo integral. Os alunos estariam nas escolas e não haveria demanda para o projeto. As escolas de tempo integral são uma estratégia governamental que busca ampliar cada vez mais a carga horária estudantil, o que não necessariamente melhora a qualidade do ensino.

2.2 - Instituto Popular de Arte Educação

Ainda buscando reflexões de projetos de mediação, encontrei em Porto Alegre uma iniciativa semelhante ao Projeto Arte Educação, porém voltada principalmente para o ensino de música clássica. Idealizado e fundado pela professora de português Fátima Flores Jardim em 1998 o Instituto Popular de Arte Educação - IPDAE atende gratuitamente 240 alunos com idades entre sete e vinte e dois anos, se mantendo por meio de doações e incentivos governamentais e privados. Agregados ao instituto e abertos a comunidade também existem o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, que promove atividades pedagógicas de resgate da história comunitária; e também a Biblioteca Leverdógil de Freitas, que além de oferecer mais de 35 mil obras provenientes de doação, também se engaja em programas de fomento à leitura.

O espaço busca a valorização e recuperação da autoestima da comunidade através do resgate de sua própria história. Os projetos educativos vinculados ao acervo nasceram de uma parceria com alunos e professores do curso de museologia e música da UFRGS.

No sentido de formação de público, a coordenação organiza periodicamente saídas dos alunos para assistirem concertos de música erudita. O objetivo é sensibilizar cada vez mais os estudantes para as possibilidades da linguagem sonora e agregar novos repertórios em suas leituras de mundo. Além disso, ir a concertos com frequência estimula os alunos se apropriarem desse espaço de apresentação e se projetarem ali em um possível futuro. Isso é importante por que o bairro da Lomba do Pinheiro fica em uma região marginalizada, o que limita o acesso da população a vida cultural da cidade não apenas pela distancia, mas também pelos invisíveis muros sociais. O trabalho do instituto, muito além de ensinar as notas musicais, caminha no sentido de despertar nos estudantes o desejo de ocupar novos espaços e a auto-estima necessária para alcançar essas ambições.

Os alunos e ex-alunos do instituto podem ainda participar das orquestras, coros e conjuntos mantidos pela instituição, integrando festivais outros eventos culturais na cidade. Esse tipo de iniciativa, além de valorizar as habilidades dos estudantes, também os ajuda a entrar como músicos no mercado de trabalho. Um exemplo disso é a Orquestra Jovem que em 2011 gravou o CD “Sinfonia da Lomba” e realizou uma turnê pelas cidades de Curitiba, Florianópolis e São Paulo. Três de seus membros foram vencedores do Concurso Jovens Solistas Fundarte nos anos de 2011 e 2012.

Assim como essas, outras histórias de alunos do instituto vão ganhando repercussão. Em 2015 a jornalista Aline Custódio publicou no site Diário Gaúcho uma reportagem sobre alunos do IPDAE que estavam cursando Música na UFRGS. Segundo a publicação, após os oito anos de formação no instituto alguns alunos continuam fazendo parte do projeto como monitores e músicos. Como o estudante Rafael Marque de 22 anos, morador do bairro Lomba do Pinheiro, ex aluno do instituto e universitário que afirmou:

Ouvia muito samba e só queria fazer uma outra atividade. Não pensava que me tornaria músico. (...) Minha vida ganhou novo rumo com o IPDAE. Se hoje sou quase um professor, devo a base do meu conhecimento ao que aprendi na Lomba do Pinheiro (DIÁRIO GAÚCHO: Porto Alegre. 19 de Maio de 2015)

Quando um aluno afirma que “ganhou um novo rumo” a partir das atividades no instituto fica claro o caráter transformador de iniciativas como essa. A mulher por trás da fundação do IPDAE não sabe tocar nenhum instrumento musical, Fátima Flores é professora aposentada de português. A mesma teceu um comentário sobre a importância de investir na arte educação:

A música transforma sobremaneira o indivíduo. Mesmo aquele que tem problemas na família. As horas que ele precisa se dedicar ao estudo levam a uma catarse. O desejo de aprender faz esta catarse, que transforma o indivíduo. Ele descobre que pode tocar Beethoven e Mozart, ele se enxerga como um indivíduo capaz. Ele pega uma partitura e consegue tocar. Isso causa uma revolução interna. Resgata a autoestima,

a capacidade do indivíduo de executar aquilo que ele quer. Revela a capacidade de realizar os seus sonhos. (DIÁRIO GAÚCHO: Porto Alegre. 04 de Maio de 2016)

Podemos observar que tanto no Projeto Arte Educação quanto do IPDAE os alunos e professores levantam discursos que evidenciam o potencial transformador da experiência estética na educação. Acredito que essas mudanças são as mesmas comentadas por Desgranges ao afirmar, que ao conquistar autonomia de interpretação de uma obra de arte, o espectador também desenvolve autonomia para lançar um novo olhar sobre sua própria realidade. A conexão entre esses dois projetos, mesmo que estejam tratando de linguagens artísticas distintas, está no fato de que ambas procuram mediar o contato do aluno com a arte de maneira a estimular um olhar sensível para o mundo.

A partir daí, quais não poderiam ser os resultados educacionais se toda a classe estudantil tivesse acesso a programas como esses? Será que o investimento em uma educação artística de maior qualidade contribuiria para uma sociedade com melhor consciência cidadã? A relação do público com as obras de arte seria afetada? Essas perguntas ainda não têm respostas concretas, mas podemos apontar a educação estética como uma possível solução para aprofundar os processos educacionais. Isso depende principalmente de investimentos nesse ramo, para que possamos, em longo prazo, avaliar os resultados disso. O envolvimento dos alunos em atividades artísticas que sejam pertinentes para os mesmos parece um prato cheio para a educação, pois faz com que eles coloquem seus desejos em sala de aula e se sintam desafiados, podendo conquistar a tão buscada autonomia.

No próximo capítulo continuarei levantando questões sobre cidadania e autonomia na educação através de experiências estéticas, dessa vez lançando um olhar sobre a experiência que tive como mediadora do espetáculo “Algo que não é Falado” em 2015 com alunos de escolas da Rede Pública de Educação em Regiões Administrativas do Distrito Federal.

Capítulo 3: Reflexões sobre a prática de mediação do espetáculo “Algo que não é falado”

Neste capítulo falarei mais sobre a experiência como mediadora do espetáculo “Algo que não é falado” frente a estudantes do ensino noturno de escolas da rede pública de Ceilândia, Planaltina, Gama e Sobradinho. A peça foi o resultado de meu trabalho na disciplina Direção I no curso de Artes Cênicas na Universidade de Brasília em 2013 e, posteriormente, foi contemplado com o patrocínio do Fundo de Apoio a Cultura – FAC do distrito federal para circular em escolas.

O trabalho propõe um debate sobre as relações homoafetivas a partir da obra do dramaturgo norte americano Tennessee Williams. O texto, conta a história de Cornélia e Grace. Duas mulheres que têm uma relação de patroa e empregada há quinze anos, e que na realidade estão nutrindo uma paixão platônica entre si. Durante esse tempo, o desejo que sentem jamais foi comentado pelas duas, muito menos concretizado. A peça se passa no dia do décimo quinto aniversário de serviço de Grace na casa de Cornélia. Decidida a falar sobre seus sentimentos, a patroa compra flores, acorda mais cedo, prepara o café da manhã, recolhe a correspondência, cancela todos os seus compromissos e dispensa a outra empregada para ficar a sós com Grace. Apesar desses esforços, a conversa apenas resvala no assunto. Os obstáculos entre as duas estão interiorizados em seus corações. Além disso, cada vez que parecem tomar coragem para falar, o telefone as interrompe com notícias a respeito da reunião a qual Cornélia não compareceu.

O objetivo de levar essa obra aos estudantes era tocar tanto no assunto da homoafetividade quanto na dificuldade que por vezes encontramos de expressar sentimentos. A escola é um espaço para a reflexão e a importância desses assuntos estarem presentes em seu espaço está ligada a possibilidade de, com eles, despertar nos estudantes um olhar sensível às diferenças, buscando atentar ao fato de que embora diferentes, somos todos iguais em algum ponto. Por isso, a abordagem que o texto propõe não faz discursos panfletários contra ou a favor da homossexualidade, não diz aos espectadores a qual conclusão devem chegar. Em cena, não há beijos apaixonados e nem claras declarações de amor, o que faz com que o desejo entre as personagens seja captado nas entrelinhas. Em função disso, o olhar dos alunos precisava estar afinado para captar as sutilezas que o texto apresenta. Neste aspecto, considero que o trabalho de mediação contribui de maneira pertinente na construção da leitura cênica dos sujeitos.

Antes mesmo de chegarmos à escola, a mediação já havia começado. Enviei aos professores uma carta (em anexo) falando sobre o espetáculo e apontando possíveis

caminhos de trabalho em sala de aula a partir dessa experiência estético-artística. Também sugeri algumas perguntas que poderiam ser feitas aos alunos, mesmo que ainda não tivessem visto a peça. A expectativa era preparar, de alguma maneira, o terreno para a experiência.

Tive um pouco de dificuldade neste ponto, pois nem todas as escolas foram solícitas em realmente encaminhar essa carta aos professores. Existe uma significativa falha de comunicação em algumas delas pois o corpo docente não parece encontrar entrosamento, o que dificulta as possibilidades de interdisciplinaridades e diálogos entre os conteúdos e as experiências educacionais. Pude perceber que, nos lugares em que esse entrave comunicativo estava presente, foi mais difícil inclusive de chegar aos estudantes. Se o professor não está ciente do que de fato irá acontecer, provavelmente o aluno também não estará. Quebrar a rotina de alguém sem sequer uma explicação coerente pode gerar distanciamentos e até mesmo soar desrespeitoso. Infelizmente, creio que isso tenha acontecido em algumas das escolas contempladas neste projeto.

De todo modo, também considero que essa falha não foi apenas das escolas, mas também minha como pesquisadora. Creio que, para que a troca com os professores fosse efetiva seria necessária uma aproximação maior da escola com mais antecedência. Talvez se tivesse sido proposto um diálogo presencial sobre o projeto com o corpo docente teríamos conquistado um maior engajamento por parte dos educadores.

Independente desses fatores nós chegamos ao espaço (pátio ou quadra de esportes), montamos nosso palco e recebemos os alunos. Antes do início do espetáculo, tive a oportunidade de conversar, mesmo que rapidamente com o público. Preparei algumas poucas perguntas, uma história e um vídeo. Depois de me apresentar, quis saber se eles já faziam alguma ideia do que iria acontecer ali, se eles tinham aula de artes, que tipo de arte eles gostam (música, cinema, visuais, dança, etc).

A história que contei foi a da artista performadora Marina Abramović e seu ex-companheiro, também artista, Ulay. Eles se apaixonaram na década de setenta e viveram uma relação intensa, trabalharam juntos, viajaram, tiveram experiências únicas. Quando o relacionamento acabou, eles se distanciaram por 23 anos. Nesse tempo, houve brigas judiciais pelos direitos autorais de algumas obras de arte que fizeram juntos, mas nunca mais se viram pessoalmente. Em 2010, Marina apresentou, em uma exposição de arte, a performance “A artista está presente”, que consistia em olhar nos olhos de cada espectador por pelo menos um minuto. Para sua surpresa, Ulay foi assisti-la.

O vídeo que mostrei foi justamente o do reencontro silencioso dos dois. Após assistirmos, perguntei ao público se, de alguma maneira, essas pessoas haviam dito algo um para o outro no vídeo. A maioria respondeu que sim. A partir daí as perguntas eram sobre o que eles disseram e como disseram. “Quais são as maneira que nós temos de nos comunicar além da fala?”. Entre as respostas estavam: o olhar, os gestos, as atitudes. Este foi meu gancho para dizer que, no espetáculo que eles iriam ver, as personagens falavam sobre seus sentimentos justamente por meio do olhar, dos gestos e das atitudes. Por isso eles precisavam estar atentos ao que não era dito. Foi a maneira que encontrei de afinar seus olhares para as sutilezas da cena e os códigos dessa linguagem. Creio que com isso eles poderiam inclusive interpretar inclusive outras obras teatrais.

Durante o espetáculo, as reações eram diversas. Pude reparar que em algumas escolas os estudantes ficavam muito agitados no começo e iam se acalmado. Em outras, os alunos que insistiam em fazer piadas fora de contexto eram repreendidos pelos próprios colegas com pedidos de silêncio. Acredito que as condições oferecidas pela escola para a apresentação também interferiram muito na qualidade de experiência. Em Sobradinho, por exemplo, não conseguimos cadeiras para os alunos, que precisaram sentar no chão. Esse fator foi determinante para a desatenção dos espectadores.

Após o espetáculo houve ainda um momento de bate papo com o público. Preparei um leque de perguntas que poderiam me respaldar durante a conversa. Mesmo que eu não tenha usado sempre exatamente as mesmas perguntas, foi importante me debruçar sobre isso e construir um roteiro que guiasse a mediação/debate, inclusive para estar consciente da quantidade de caminhos que a discussão poderia seguir. Destaco abaixo algumas das perguntas que orientaram o debate:

Sobre a relação deles com o teatro:

- Quando vocês pensam em teatro, qual a palavra que vem na sua mente?
- Quem de vocês já foi ao teatro? O que assistiram? Gostaram? Por quê?
- Já tiveram alguma aula de teatro? Mesmo que não tenham feito aulas de teatro, já apresentaram alguma cena em outra circunstância?
- O que vocês acham de ter uma peça sendo apresentada na escola?
- Do que uma peça de teatro precisa? Existe teatro sem cenário? E sem figurino? Existe teatro sem ator? E sem público?

Sobre a encenação:

- Quantos anos vocês acham que tem a Cornélia? E a atriz que interpreta a Cornélia? Que elementos contribuem para percebemos essa diferença?
- Qual a diferença de quando as atrizes estão de pé sobre o pufe e quando não estão? Vocês sentiram falta de um telefone em cena nos momentos de telefonema? Por quê?
- Em que época vocês acreditam que se passe essa peça? O que te fez pensar assim?

Sobre os temas tratados no espetáculo:

- Algum de vocês já fez uma declaração de amor? Foi fácil ou difícil?
- Você acha que existe mais de um tipo de amor? Quais tipos você podem citar? Será que existe algum tipo de amor que não seja bom? Quais?
- O que vocês acham que não é falado entre as personagens?
- Pessoas de idades diferentes podem ter um romance? E de classes sociais diferentes? E se forem pessoas do mesmo sexo? Por quê? Por que será que as personagens não conseguem falar sobre isso? Vocês conhecem pessoas em situação parecida? Como vocês acham que elas podem resolver isso?
- É possível saber como alguém está se sentindo, só de olhar nos olhos? Já conversaram com alguém apenas pelo olhar?

Esse tipo de artifício, ou seja, a construção de momentos que preparem o espectador para o espetáculo e outros que fechem a experiência após seu final, é apontado por Desgranges com o nome de “Animações periféricas”:

As animações periféricas aconteciam antes ou depois da apresentação do espetáculo. As atividades propostas antes da peça tinham o intuito de preparar os alunos-espectadores para a leitura da peça que seria vista e, quase sempre, sublinhavam alguns aspectos artísticos do espetáculo que, assim, poderiam ser mais bem observados pelos alunos no ato de percepção da obra. (...) As animações teatrais propostas depois da apresentação do espetáculo tinham o objetivo de explorar pedagogicamente a experiência artística, por meio da aplicação de variados jogos e exercícios. (DESGRANGES, 2003, p. 50 e 51)

As “Animações Periféricas” foram usadas durante a mediação do espetáculo “Algo que não é Falado” como estratégia para, mesmo que rapidamente, conhecer o grupo de estudantes e travar como eles um diálogo inicial introduzindo os assuntos tratados na peça

e lançando algumas perguntas. Nesse primeiro momento utilizei como recurso didático o vídeo já citado do reencontro de Marina com Ulay.

Também entreguei para o público, junto com o programa da peça, um breve questionário com perguntas discursivas e de múltipla escolha. Dar ao público a chance de escrever sua opinião foi muito positivo, pois durante o bate-papo, nem todos se sentiram à vontade para falar. Pude observar que aquelas pessoas que realmente se sentiam incomodadas com o fato de Cornélha e Grace serem apaixonadas uma pela outra, preferiram relatar esse sentimento no questionário.

Pude observar também, que a receptividade dos alunos, em geral, é influenciada pela maneira com a qual a própria escola encara esse tipo de evento. Explico. Nas escolas que não havia professor de arte e/ou que não se preocuparam em disponibilizar a carta que escrevi aos professores, houve uma maior resistência da parte dos alunos, tanto no sentido de responder os questionários quanto de participar mais ativamente da discussão. Talvez, a valorização que a instituição dá a interação dos estudantes com o teatro contribua para a disponibilidade dos mesmos para o engajamento na leitura estética.

Observando os questionários, fica muito claro que a maioria dos estudantes não possui o hábito de ir ao teatro, muitos na verdade nunca haviam ido. Nesse sentido, creio que tenha sido importante eles assistirem a um espetáculo que, apesar de propor uma experiência pedagógica, não é encarado como meio para ensinar algo concreto e sim como uma obra de arte que tem fim, em si mesma.

Problematizando os questionários como forma de captação de dados, percebo que, por mais que seja útil, não é um método que contemple de fato as questões problema da pesquisa. Pedir que o aluno marque uma alternativa quantitativa a respeito de seu hábito de ir ao teatro jamais me mostrará de verdadeiramente qual a qualidade da relação que ele tem com essa linguagem.

Dentre as escolas mais receptivas, estava o Centro de Ensino Fundamental 04 de Planaltina, onde a professora Isabel Cavalcante desenvolve desde 2005 um trabalho com alunos de Altas Habilidades em artes cênicas. Esse tipo de aluno apresenta habilidade especial nas áreas criativas e por isso recebe estímulos maiores por parte dos educadores. Além de uma sala especial para as aulas, o projeto também conta com o espaço “Língua de Trapo”, onde acontecem apresentações artísticas. Creio que esse tipo de iniciativa faz toda a diferença na formação de espectadores, de maneira que ficou muito claro para mim que essa instituição, bem como seus alunos, encara a arte com receptividade e pró atividade.

Durante as mediações, conversamos muito sobre preconceito, respeito, amor e outros sentimentos. Os espectadores puderam colocar seus posicionamentos, ouvir uns aos outros, se questionarem. Problematicamos várias questões que certamente foram de encontro aos fatos da vida de cada um. Uma senhora de Planaltina, por exemplo, me disse após ver o espetáculo que havia se lembrado de todas as coisas que gostaria de ter dito à sua filha e nunca encontrou como. A arte tem o potencial de nos levar a refletir sobre nossas próprias experiências.

Diante dessas observações, Desgranges fala sobre como a apreciação da arte pode alterar nossa percepção da realidade. No livro “A pedagogia do Espectador” de 2003 ele narra uma visita que fez ao MuséeD`Orsay em Paris. Observou que, após passar por diversas galerias fechadas e com paredes recheadas de obras de arte, ele e outros visitantes se sentiram atraídos pela visão de uma janela que desvelava o entardecer. Segundo ele, a apreciação daquela sequência de obras artísticas pode ter estimulado as pessoas a lançarem um olhar estético para as experiências da vida, como a paisagem real da cidade.

Tentando encontrar pistas de qual tipo de relação àquelas pessoas tinham com o teatro e a partir de qual repertório estético elas olhavam as questões levantadas na peça, elaborei um questionário (ver Anexos) com perguntas sobre idade, contato com a linguagem teatral, etc.

Como o espetáculo foi apresentado para alunos do turno noturno de escolas públicas, a questão da idade me pareceu bem relevante, principalmente pelo choque geracional que acontece dentro da escola nesse contexto. Os 436 espectadores que responderam ao questionário afirmaram ter entre 12 e 60 anos de idade. Confesso que fui surpreendida, pois eu esperava que os mais velhos fossem apresentar mais resistência em relação às questões homoafetivas em função do pensamento conservador que influenciou a formação das pessoas que hoje estão nessa faixa etária no Brasil, mas essa expectativa se quebrou. Em contraponto a isso, observei vários jovens que, apresentando argumentos conservadores (por vezes, religiosos), rejeitavam esse tipo de relação.

As primeiras questões sondam um pouco da relação que o espectador tem com o teatro. Quanto mais presente essa linguagem está do cotidiano da pessoa, mais ferramentas estéticas ela encontra para ler, não só a obra, mas também o mundo. Nesse ponto, acredito que ter aulas de teatro na escola faz toda a diferença no processo de construção de um vocabulário estético. Observei que os alunos que afirmaram nunca ter tido esse tipo de ensino, em geral não se articulavam tão bem nas questões discursivas. Talvez

essa seja mais uma mostra do quanto as aulas de teatro podem contribuir para a capacidade do estudante de colocar ideias com coerência e articular melhor seus discursos.

Outra questão busca observar o impacto da experiência que o aluno teve com o espetáculo apresentado, se ele considerou uma atividade importante para seu aprendizado, pensando que o aluno é o termômetro mais preciso de sua própria evolução. O questionário também tenta mapear o desejo que o espectador tem de viver mais experiências como essas, ou seja, se ele se sente vontade de assistir outras peças.

As duas últimas questões são discursivas, deixando espaço para que o espectador deixe sua opinião em relação ao espetáculo e também ao tema tratado (alguns questionários estarão em anexo). Quando os espectadores encontram espaço para escrever sobre o que viram, alguns já demonstram um trabalho comparativo entre a ficção e o cotidiano. Um dos alunos, que se identifica como Leo e diz ter 17 anos de idade, enxerga em seu próprio cotidiano familiar os dramas vividos em cena como mostra na declaração a seguir:

Muito intrigante, fala de uma confusão de sentimento que nunca foi mencionado, e que quando fala provoca dor... É um tema que retrata bastante o convívio entre algumas famílias. Acho que so uma das provas disso. Coisas que precisam ser ditas e quando ditas provocam dores e mágoas... (Leo, 17 anos, aluno da rede pública de ensino)

Sobre a questão de um espetáculo que trata sobre homoafetividade ser levado a escola, um estudante que não quis se identificar e disse ter 17 anos de idade afirmou que: “na minha opinião esse deve ser um assunto que deveria ser mais discutido. Porque mesmo hoje em dia sendo mais “comum” o respeito, nem o entendimento é o que deveria.” (Estudante da rede pública de ensino, 17 anos)

Assim, o aluno deixa claro o seu interesse pela discussão e demonstra acreditar que falar sobre o tema pode ser uma solução para dissolver preconceitos. A mediação contribui nesse aspecto, pois levanta problemas para a turma e provoca os alunos a buscar respostas. Aqueles que encaram esse desafio se colocam em uma postura reflexiva ideal para rever conceitos e, quem sabe, dissolver preconceitos. Ainda sobre a temática homoafetiva alguns estudantes levantaram, no questionário e durante os debates, argumentos religiosos contra a união de pessoas do mesmo sexo. Um aluno de 26 anos e que não quis se identificar escreveu sobre a peça: “Sem edificação nenhuma. Não agrada a Deus, o todo poderoso. Por que ele fez homem e mulher, ambos os sexos diferentes, para serem uma só carne.” (Estudante da rede pública de ensino, 26 anos)

No discurso desse aluno, fica implícito um apego a conceitos pré-estabelecidos de moral. Se conectarmos isso a ideia de abandonar o primeiro ser, de Larrosa (2014) explorados no capítulo 1, talvez possamos pensar que o expectador em questão não estava disponível para a experiência. No entanto, creio que para afirmar isso categoricamente seriam necessárias investigações mais profundas do caso.

Outro estudante que não quis se identificar e nem relatar a idade fala sobre a dificuldade de expor sentimentos que é mostrada na peça: “Nos leva a refletir sobre nossos medos de expressar com palavras o que somos e pensamos. Penso que é importante para mergulharmos em nossos medos.” (Estudante da rede pública de ensino)

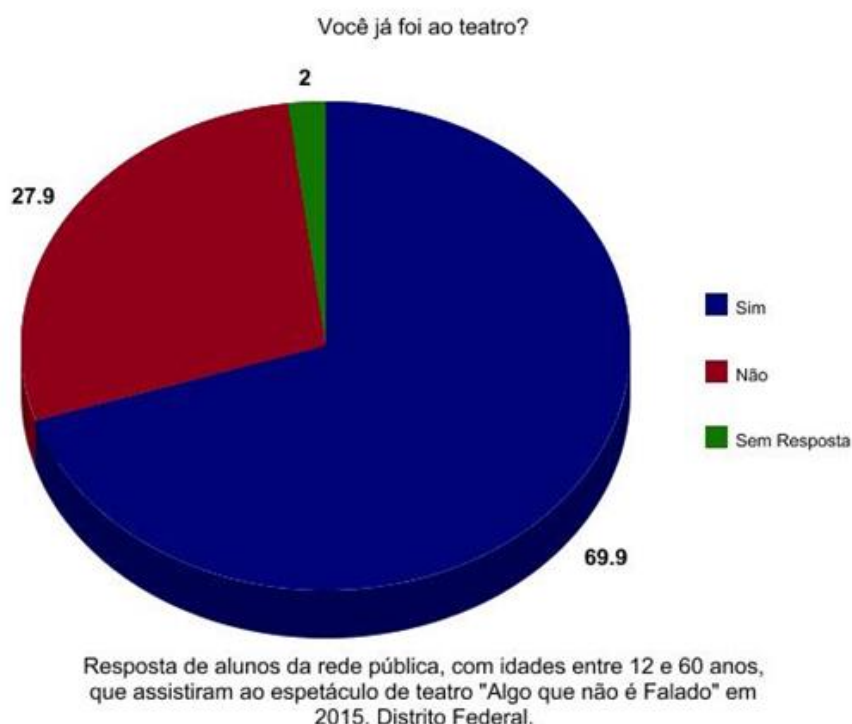
Essa fala e a de outros espectadores trazem inclusive sentenças poéticas, sejam elas conscientes ou não. Quando se fala sobre um “mergulho” nos próprios medos, deixa-se claro um potencial de abstração do qual o escritor dispõe como ferramenta não apenas de leitura, mas também de escrita. Outro exemplo semelhante a esse é o de um estudante de 41 anos que não quis se identificar e escreveu o seguinte:

(...) devemos nos preocupar mais com o que é real, não importando com convenções humanas que no fim serão passageiras, assim como passageiro será o não vivido, o não sentido. O mundo gira, mas nunca viveremos, veremos ou estaremos em um mesmo ponto passado ou situação...enfim, “temos que cultivar nosso jardim”... e os outros, são os outros... (Estudante da rede pública de ensino, 41 anos)

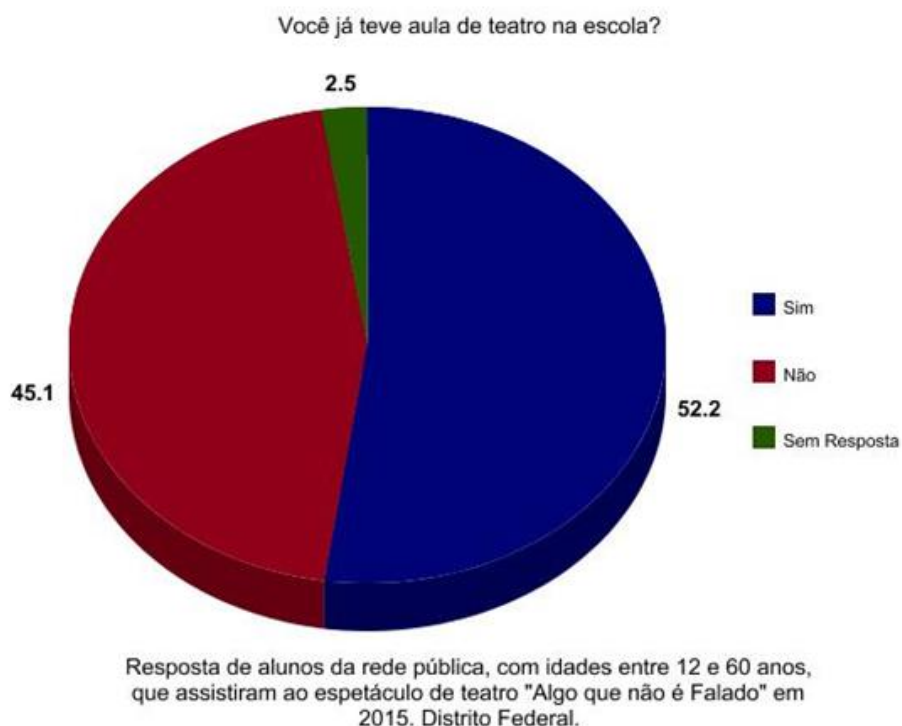
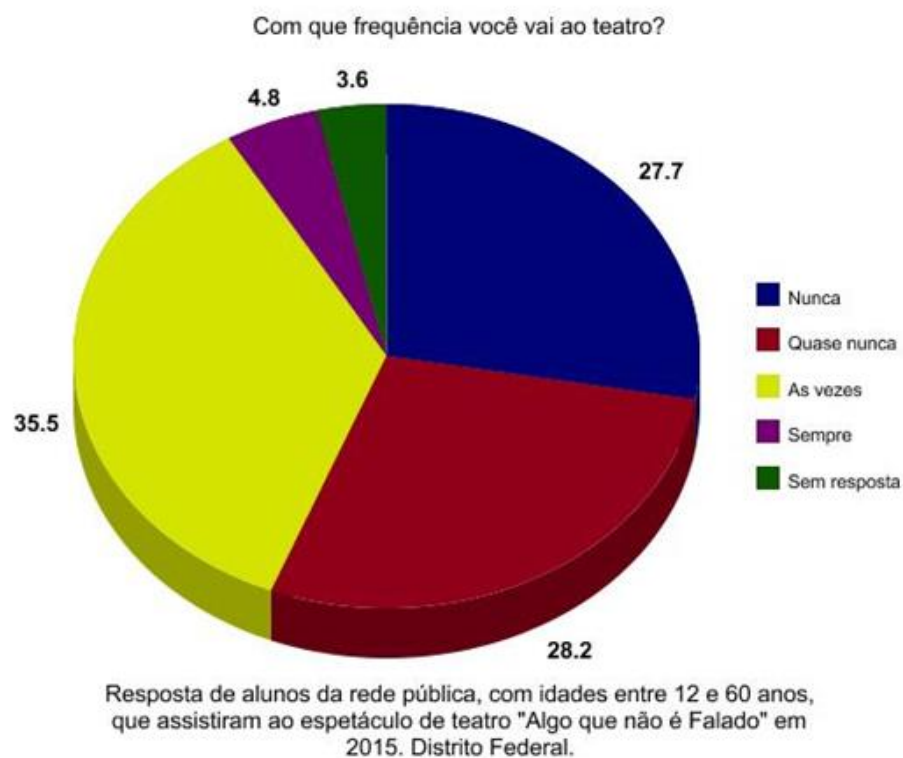
Analisando essa fala, vemos que o estudante coloca em cheque o conceito de realidade, contrapondo-o com o que ele chama de “convenções humanas”. Também chama a atenção para a ideia de que as coisas são passageiras e se utiliza de artifícios poéticos para expressar incompletude das experiências que não foram vividas ou sentidas. Ele fala sobre a dinâmica cíclica do mundo e sobre o tempo. Termina sua fala citando, entre as aspas, uma frase que pode ter sido tirada de um poema ou música. No caso apresentado, fica claro que o sujeito trava uma relação próxima com a arte e articula seus repertórios estéticos para efetuar a leitura da obra. A partir disso, podemos pensar que uma educação artística que coloque os alunos em contato com repertórios poéticos e fomente o intercâmbio entre as linguagens contribui, direta ou indiretamente, para a formação estética de indivíduos que podem se tornar expectadores de teatro.

Em uma sensível quantidade de questionários vemos alunos pedindo para que seja dado mais espaço para atividades como essa, o que mostra que os próprios estudantes atribuem importância para esse tipo de atividade em sua formação escolar.

A partir dos dados gerados pelas questões objetivas no questionário, é possível visualizar os gráficos a seguir:

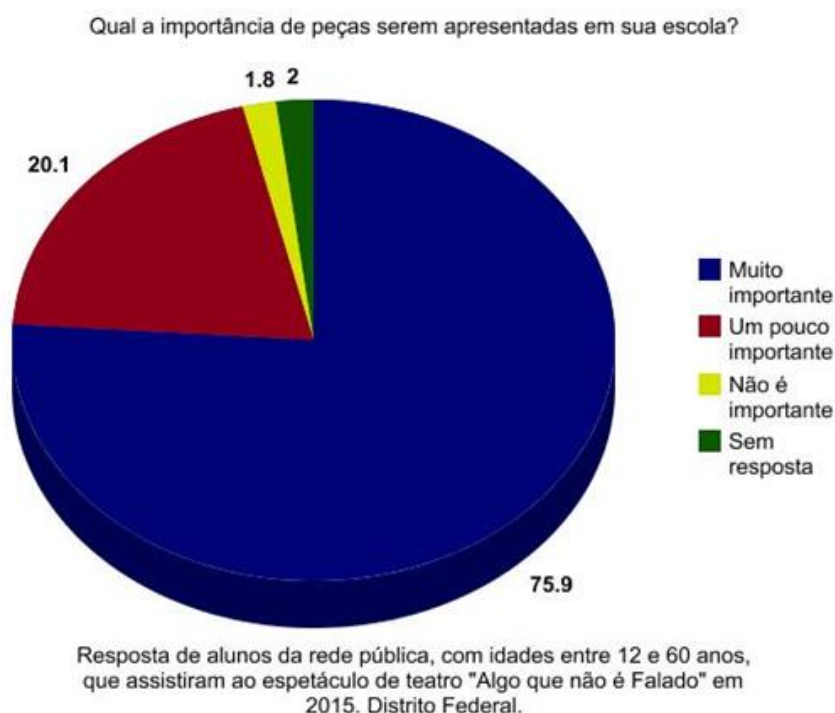


Segundo o gráfico anterior, quase 30% dos alunos que assistiram ao espetáculo e responderam ao questionário nunca foram ao teatro. Esse número inicialmente soa animador, pois nos leva a concluir que quase 70% dos alunos já conhecem as artes da cena. No entanto, o gráfico a seguir coloca isso em cheque ao mostrar que apenas 4.8% dos estudantes que afirmaram já ter ido ao teatro o fazem com frequência.

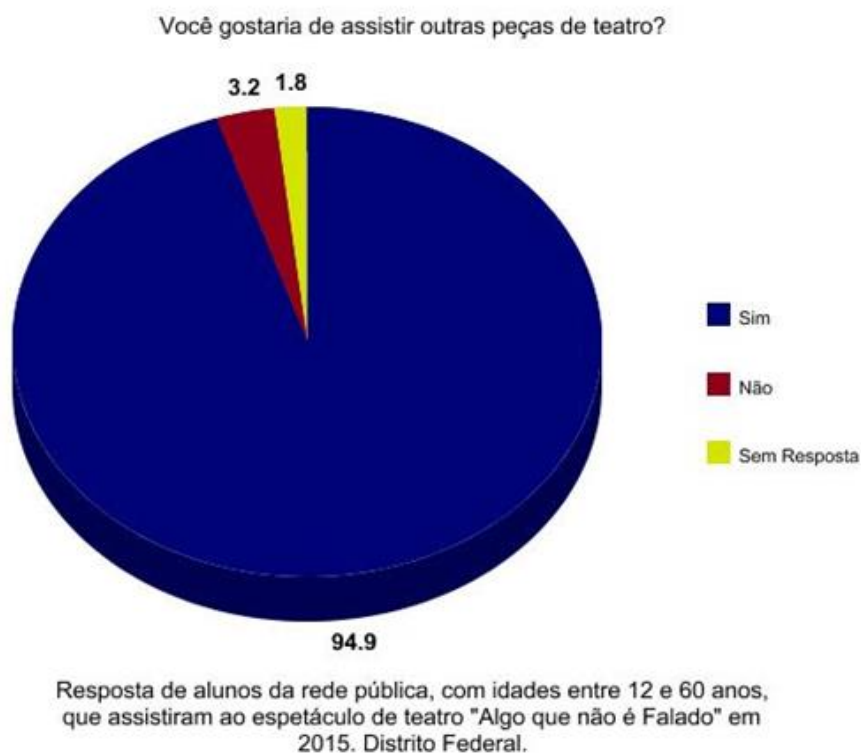


Mais de 45% dos alunos que assistiram ao espetáculo e responderam ao questionário afirmaram nunca ter participado de aulas de teatro na escola, conforme o gráfico acima. Se pensarmos a educação artística como um caminho para formação de público, colocando os estudantes sempre em contato com experiências estéticas e estimulando sua autonomia interpretativa e o gosto pela fruição, talvez seja possível dizer

que a falta de aulas de teatro possa ter como efeito a pouca ou nenhuma presença dessas pessoas nas platéias de peças teatrais como já foi mostrado anteriormente.



O gráfico acima mostra que um número grande, mais de 75% dos alunos que assistiram ao espetáculo e responderam ao questionário consideram muito importante que peças de teatro sejam apresentadas na escola. O gráfico abaixo traz um número ainda maior, quase 95% dos estudantes do grupo citados afirmaram possuir desejo de assistir a outros espetáculos. Esses dados podem significar que os estudantes pesquisados deixam de ir ao teatro por alguma razão que não é a falta de interesse. Seria por falta de incentivo? Por pouco acesso? Por julgarem que esse espaço não lhes pertence? A presente pesquisa não responde essas questões, acentua a provocação.



Observando estes dados vemos que uma parte significativa dos alunos pesquisados não teve acesso a aulas de teatro, a maioria gostaria de ter mais vivências com essa linguagem e afirma que projetos como esse deveriam acontecer mais na escola. Isso confirma a necessidade humana de ter contato com experiências estéticas em sala de aula ou fora dela.

Diante disso o arte-educador ganha um papel importante na formação de espectadores e consumidores de arte. Diversos projetos no Brasil se dedicam a oferecer educação artística à pessoas a partir da crença de que essa experiência pode estimular o indivíduo a acionar seu potencial transformador. O Projeto Arte educação e o Instituto Popular de Arte Educação, citados no capítulo anterior, apontam possíveis soluções ou caminhos pedagógicos que apontem para uma educação que é permeada por experiências estéticas e engajada em uma formação cidadã que estimule a autonomia dos indivíduos.

Considerações Finais

Realizar essa pesquisa foi fundamental para mim como aluna, mediadora e artista. Como aluna o trabalho me desafiou a evoluir minha autonomia, assumindo sozinha a responsabilidade de cada escolha. Como mediadora, tive a oportunidade de estar diante de turmas heterogêneas e com alunos que vivem realidades visivelmente diferentes da minha, o que me exigiu humildade e uma escuta sensível que foram se desenvolvendo durante o processo prático. Como artista, precisei conduzir o trabalho criativo com o compromisso de pensar constantemente em que tipo de impacto as escolhas estéticas poderiam gerar no público. Tudo isso me fez refletir sobre o quanto a estética e a pedagogia se conectam, não apenas nos processos educacionais mas também nos artísticos.

Buscar depoimentos e dados mais profundos sobre o Projeto Arte Educação, em Goiânia e o Instituto Popular de Arte Educação, em Porto Alegre foi importante não apenas para mim como futura professora, mas também para os próprios projetos. A existência de reflexões citando esse tipo de iniciativa educacional dentro da universidade reitera sua relevância pedagógica, social e educacional. São necessários mais investimentos governamentais na educação artística e no teatro como uma linguagem que tem potencial de desenvolver o indivíduo em suas dimensões éticas e de cidadania.

O teatro traz consigo um poder transformador para quem se deixa tocar por ele. Os alunos dos projetos acima citados tiveram oportunidade de refletir suas realidades através dessa linguagem. Quando levamos ao teatro um grupo de pessoas que não têm esse hábito em seu cotidiano, estamos oferecendo oportunidade parecida. Isso porque o campo escolar é um terreno fértil para o repertório poético e espaço para refletir e questionar todos os seus desdobramentos. Sobre a potência da experiência estética como ação cultural dentro da escola, a pesquisadora Heloise Vidor (2012) afirma:

(...) a associação entre cultura e educação abre um campo fértil para o desenvolvimento de ações artísticas dentro da perspectiva da ação cultural, privilegiando uma perspectiva humanista que prevê um idealismo de quem a propõe e a realiza. Neste sentido, a escola pode ser olhada como uma instituição cultural, um espaço potente para abrigar estas ações, ainda que se apresente como espaço de tensão e confronto com as particularidades da arte. (VIDOR, 2012, p.86)

Este trabalho teve uma dimensão prática com atividades pedagógicas dentro da escola. Creio que houve contribuições para o cotidiano escolar e para a formação cultural dos alunos, que puderam assistir a um espetáculo de teatro e discutir sobre ele. Os temas tratados na peça têm relevância social. Quando se pode problematizar dentro da escola a questão das diferenças, permitindo que os estudantes exponham seus pontos de vista e

busquem soluções para a intolerância, temos um processo educacional que valoriza cidadania e a autonomia dos indivíduos.

Quando estava em sala de ensaio dirigindo o espetáculo “Algo que não é falado”, não deixava de pensar nas dimensões educacionais do trabalho, pois vivia esses contextos e não podia me separar de nenhum deles. Durante os diálogos com os estudantes que assistiram ao espetáculo, ficou claro para mim que minha realidade é sensivelmente diferente da deles e que minha perspectiva a respeito dos acontecimentos descritos no trabalho está impregnada com minhas próprias referências. Mesmo tendo colhido dados e materiais escritos pelos alunos sobre a experiência nos questionários, isso me parece pouco para saber com exatidão de que maneira o trabalho chegou. Os jovens e adultos estudantes de escolas públicas e moradores da periferia do Distrito Federal que participaram desse trabalho provavelmente têm um olhar sobre ele que eu jamais terei, porque não vivo ali e não conheço suas referências.

Avalio que essa reflexão, apesar de parecer desanimadora, na realidade é o que me aproximou dos paradigmas da mediação. Creio que um mediador de teatro precisa se aproximar do público de uma forma despretensiosa, apesar de todas as ambições educacionais. Se a leitura de um espetáculo passa pelas referências do espectador, no momento da mediação são essas referências que precisam brilhar. Esse debate é na verdade um pretexto para que o público conte a sua própria história e aponte em que lugares ela se conecta com o que estava em cena. A mediação de teatro contribui diretamente para alfabetização estética dos espectadores, pois estimula-os a se apropriarem de ferramentas de leitura que poderão, posteriormente, ser usadas para interpretação de outros espetáculos.

O presente trabalho se propôs a um diálogo entre a arte e a educação, considerando a mediação de espetáculos teatrais como uma prática artística e pedagógica que contribui para a aproximação do público para essa linguagem. Considero que cheguei aos objetivos de refletir a respeito dos impactos da mediação de produções teatrais e de experiências estéticas na educação. Apesar disso, gostaria de ter estado mais presente dentro das escolas pesquisadas antes e depois da apresentação do espetáculo “Algo que não é Falado” para colher mais material, o que talvez pudesse me permitir fazer avaliações mais profundas a respeito das turmas.

De todo modo, ficou clara para mim a importância de uma educação artística engajada em oferecer repertório poético aos alunos, contribuindo diretamente para a formação de espectadores de teatro.

A partir da experiência com a presente monografia, me sinto impelida a continuar minhas buscas sobre esse tema, empreendendo pesquisas mais integradas com o fazer do professor em sala de aula e seus impactos no potencial de leitura de obras cênicas dos alunos.

Referências Bibliográficas:

- ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR.
- DESGRANGES, Flávio. A Pedagogia do Espectador, São Paulo, 2003. Editora Hucitec.
- DESGRANGES, Flávio. Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo, São Paulo, 2006. Editora Hucitec.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte educação em um museu de Arte, número 2 de 1989, Revista USP.
- MACIEL, Patrícia. A mediação poética na experiência estética: Paralelos possíveis entre a mediação museal e teatral. ABRACE, 2014.
- SALES, Jonas de Lima. O Estético e o Artístico no Maracatu: Uma Leitura na Escola, dissertação UFRGN, 2004.
- ABREU, Glauber Gonçalves de. Experiência e Mediação em Teatro: Abandonar-se para não Abandonar, Dissertação UnB, 2015.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Brasil, 2016.
- VIDOR, Heloise Baurich. De como D. Quixote enfrentou os monstruosos moinhos: a mediação teatral e a escola na perspectiva da ação cultural. Revista Sala Preta 2012.
- SANTOS, Renata. O Popular. Goiânia - GO. 12 de dez. de 2012 pelo link visualizado por ultimo em 14 de novembro de 2016 disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/magazine/educa%C3%A7%C3%A3o-pela-arte-1.245767>
- CUSTÓDIO, Alice e BRUXEL, Mateus. Diário Gaúcho. Porto Alegre. 04 de Maio de 2016 pelo link visualizado por último em 14 de novembro de 2016 disponível em: <http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2016/05/professora-de-portugues-leva-musica-ao-bairro-lomba-do-pinheiro-5792579.html>
- CUSTÓDIO, Alice. Diário Gaúcho. Porto Alegre. 19 de Maio de 2015 em link visualizado por ultimo em 12 de novembro de 2016 disponível em: <http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2015/05/alunos-de-escola-de-musica-da-lomba-do-pinheiro-se-tornam-monitores-na-ufrgs-4763294.html>

Referências Audiovisuais

- Documentário Museu Comunitário Lomba do Pinheiro, uma co produção entre a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), a Fundação José de Paiva Netto (FJPN), o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC) e a TV Escola -- Ministério da Educação (MEC). Publicado em 22 de Maio de 2012, visto por último em 14 de novembro de 2016 e disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=a5xhMGh77nw>

Anexos:

Questionário/ Entrevista sobre o Projeto Arte Educação – ex-aluna

- ☐ Qual o seu nome e sua idade?

Mysllene Paixão, 24 anos.

- ☐ Com que idade você começou a participar como aluna do Projeto Arte Educação? Permaneceu até quando? Por que deixou de participar?

Entrei no Arte Educação em 2002, no início do projeto no Núcleo Vila Rosa, quando eu tinha 10 anos de idade. Permaneci no projeto até os 16 anos. Sai do projeto, um pela idade, porque eram pra crianças até 14 anos, eu avancei ainda, e segundo porque comecei a participar de outro projeto, dentro da UFG, com mídias educacionais, por indicação de uma professora do núcleo.

- ☐ Das linguagens oferecidas pelo projeto (artes visuais, teatro, capoeira, dança, percussão, coral, espaço do ler e escrever, cantinho da leitura, xadrez e inglês), quais te marcaram mais? Por quê?

Quando comecei a participar do projeto, participávamos de todas as atividades, depois, em um determinado ano que não me recordo, você tinha que participar de apenas 3 ou 4 atividades. Eu entrei no projeto pela dança, mas foi pelo teatro que fiquei. Também gostava muito das aulas de percussão e coral. Eu, na verdade, amava, e amo, o projeto como um todo.

- ☐ Hoje em dia você ainda mantém contato com alguma dessas linguagens artísticas? Como?

Permaneço, em vários aspectos, acredito. Ainda faço teatro, sou integrante de uma Cia de teatro de Goiânia, onde tenho contato com percussão e canto, para os espetáculos, e estudo Arquitetura e Urbanismo, que tudo tem a ver com artes, de um modo geral

- ☐ Você acredita que as experiências que teve no Projeto foram importantes para sua trajetória? Acha que elas influenciaram suas decisões e sua visão de mundo hoje? Como?

O projeto foi uma das melhores coisas que me aconteceram. Talvez, sem ele, nunca tivesse me descoberto como atriz, nunca tivesse tido oportunidades de trabalhar dentro de uma universidade pública com mídias educacionais, nunca tivesse conseguido ver o mundo com olhos de esperança. O projeto me mostrou o mundo de uma maneira espetacular, de um jeito que, escola convencional alguma conseguiria

me mostrar. Me fez entender que sempre existe uma maneira de colorir o mundo, de acreditar em você mesmo e nos outros, de que é possível levar as artes em todos os lugares, e que com certeza uma criança que pode se envolver com isso, tem um leque de opções. O projeto teve seu fim em 2013, e acredito que foi uma grande perda para a sociedade goiana. Se eu não tivesse o projeto na minha vida, provavelmente teria ficado em casa assistindo TV todas as tardes, e perdido o melhor que a vida tem a oferecer. Acredito que todas as crianças deveriam ter a oportunidade de viver o Projeto Arte Educação.

☐ Hoje em dia você tem o hábito de ir ao teatro? Por quê?

Como citei anteriormente, eu me descobri dentro do teatro no Arte Educação. Então, além de ir ao teatro, eu apresento em teatros também. Ir ao teatro é sentir com o ator o momento representado. E nisso o Arte Educação tem grande participação, pois foi quem me apresentou esse universo maravilhoso.

Questionário/ entrevista sobre o Projeto Arte Educação – ex-aluna

☐ Qual o seu nome e sua idade?

Helena de Moraes Borges, 23 anos.

☐ Com que idade você começou a participar como aluna do Projeto Arte Educação? Permaneceu até quando? Por que deixou de participar

Entrei no projeto em 2008, aos 14 anos. Permaneci até 2011 quando o projeto no qual eu estava inserida encerrou.

☐ Das linguagens oferecidas pelo projeto (artes visuais, teatro, capoeira, dança, percussão, coral, espaço do ler e escrever, cantinho da leitura, xadrez e inglês) quais te mascararam mais? Por quê?

Particpei apenas do teatro. Foi muito marcante e importante, pois possibilitou que eu tivesse a experiência de participar do processo de montagem de uma peça de Teatro (Romeu e Julieta). Posteriormente, houve a circulação da peça em sete cidades do interior de Goiás, temporada no SESC Caldas Novas – Go, o que possibilitou uma experiência muito rica enquanto atriz.

☐ Hoje em dia você ainda mantém contato com alguma dessas linguagens artísticas? Como?

Sim, participo do Grupo de Teatro Guará (PUC-Goiás)

☐ Você acredita que as experiências que teve no Projeto foram importantes para sua trajetória? Acha que elas influenciaram suas decisões e sua visão de mundo hoje? Como?

A experiências foram importantes, pois me possibilitaram aprender sobre teatro e a me formar como atriz. Influenciaram também na minha formação pessoal pela experiência de trabalho em grupo.

☐ Hoje em dia você tem o hábito de ir ao teatro? Por quê?

Sim! Sempre vou ao teatro, porque gosto, acho uma boa forma de lazer. Além disso é fundamental eu esteja me formando enquanto plateia, já que atuo como atriz.

Questionário/entrevista sobre o Projeto Arte Educação – arte educadora

☐ Qual seu nome e sua idade?

R: Karine Ramaldes Vieira/ 32 anos/ Professora de Teatro, formada em Artes Cênicas pela UFG

☐ Por quanto tempo trabalhou como arte educadora do Projeto Arte Educação?

R: 4 anos

☐ Em sua opinião, qual era o principal diferencial do projeto? Por quê?

R: O principal diferencial era oferecer múltiplas linguagens artísticas para crianças e adolescentes de diferentes níveis sociais. As crianças e adolescentes escolhiam as oficinas artísticas que queriam participar e deste modo tinham a oportunidade de conhecer melhor a Arte de forma gratuita.

☐ Você acredita que a participação da criança no projeto estimulava sua autonomia? Por quê?

R: Com certeza a participação das crianças no projeto estimulava a autonomia das mesmas, pois a Arte é uma grande estimuladora da autonomia, faz com que a pessoa aprenda a lidar com suas dificuldades e superá-las, aponta possibilidades diferentes de se expressar e comunicar, faz com que as pessoas reflitam sobre aspectos diferentes dos aspectos refletidos no cotidiano, estimula visões diferentes do mundo ao redor.

☐ O projeto, a seu ver, contribuía na evolução dos alunos enquanto cidadãos? Por quê?

R: Sim, contribuía. Como já afirmei a Arte gera novas possibilidades de ver o mundo, e também de se ver no mundo. Hoje ainda tenho contato com vários alunos que participaram do projeto e é notório como são pessoas mais sensíveis, a Arte mexeu com cada um deles de alguma forma.

☐ Em sua experiência no projeto, acompanhou casos de mudança de perspectiva de futuro por parte dos alunos? Se sim, por que isso acontecia?

R: Não sei se necessariamente de mudança na perspectiva de futuro, mas com certeza acompanhei casos de superações pessoais, de alunos que não se sentiam capazes de realizarem determinadas atividades artísticas e se superavam percebendo que eram capazes sim. O que, ao meu ver, influencia diretamente na formação da criança enquanto cidadã, pois aprende a se superar e acreditar em si mesma.

☐ Você acredita que o ensino de artes que existe hoje nas escolas de educação regular em Goiânia já cumpre todas as funções do projeto na vida dos alunos? Quais as consequências do fim do projeto Arte Educação?

R: Não, o ensino das Artes nas escolas como está posto não cumpre nem a metade das funções do projeto Arte/Educação, pois muitas vezes a disciplina é assumida por professores que não tem formação nenhuma na área, então não reconhecem o valor da Arte. Outras vezes professores formado em Artes, ministram as aulas sem perceber o real valor desta disciplina, e como não tem acompanhamento de alguém que entenda e ajude-o a repensar suas prática o processo acaba se perdendo. O que não justifica tirar a Arte da educação como sugere a reforma do ensino médio. A Arte precisa ser mais valorizada na sua efetivação enquanto disciplina educacional.

Com o fim do projeto Arte/Educação centenas de crianças e adolescentes perderam o direito de acesso gratuito ao ensino da Arte com qualidade, perderam o direito e a oportunidade de se redescobrirem na Arte, perderam a oportunidade de se tornarem cidadãos melhores, ou ao menos a chance de tentarem ser melhores, a chance de ver o mundo com os olhos da Arte.

☐ Você é a favor da criação de projetos similares a esse em todo o Brasil? Por quê?

R: Sim, sou totalmente a favor, pois acho que é um direito de aprendizagem o contato com a Arte e acredito sim que a Arte tem um poder transformador nas pessoas. Claro que nem todas as pessoas se deixam transformar. A Arte tem um modo único de chegar, entrar e ficar na vida das pessoas e isso só ocorre se cada vez mais pessoas tiverem a oportunidade de fazer, ver e refletir Arte.

Questionário/ entrevista sobre o Projeto Arte Educação – Veruska Bettiol – Gestora do projeto

- ☐ Em que ano o Projeto Arte Educação começou?

O projeto teve início com suas atividades no ano de 2000, no setor Finsocial, ainda com o nome de FINSOCIARTE. Ele surgiu a partir de uma demanda vinda dos moradores do bairro, que buscaram a Fundação Jaime Câmara para oferecer oficinas de arte para as crianças e adolescentes, com a finalidade de ter uma ocupação para eles, pois havia muita droga. Assim, surge a ideia das oficinas e do atendimento para esses jovens. Em 2002 passou a se chamar Arte Educação, com objetivos mais direcionados a aprendizagem em Arte, que não somente atividades isoladas. O Projeto ganhou novo formato e passou a ser sistematizado com os princípios da Arte Educação.

- ☐ Em que ano ele deixou de existir?

O Projeto encerrou suas atividades no final do ano de 2013.

- ☐ Por que razão ele encerrou suas atividades?

A razão pela qual foi encerrado, foi justificada pela dificuldade de atender a meta dos jovens nos bairros, visto que a tendência seria o crescimento das escolas de tempo integral. Esses jovens estariam nas escolas e não haveria demanda para o Projeto. Porém não foi demarcado uma razão concreta de convencimento, simplesmente fecharam as portas.

Carta aberta aos professores das escolas que receberam o espetáculo “Algo que não é Falado”:

Prezados professores e professoras,

Nesse mês acontecerá em sua escola uma interessante atividade pedagógica. Seus alunos assistirão ao espetáculo de teatro “Algo que não é falado”, que é resultado de um processo artístico que começou entre alunos de artes cênicas na Universidade de Brasília - UnB e agora ganhou asas com o apoio do Fundo de Apoio a Cultura –FAC. O texto é do renomado dramaturgo Tennessee Williams e o tema é delicado.

Contaremos a história das senhoras Cornélia e Grace, patroa e empregada. É uma manhã de novembro e Grace completa, nesse dia, quinze anos de serviço na casa. A patroa, diferente de seu costume, levantou mais cedo e, sozinha, recolheu a correspondência, preparou um café da manhã para dois, comprou flores e cancelou sua presença em uma importante reunião. Elas precisavam conversar sobre um assunto muito delicado: seus sentimentos. No entanto, mais uma vez, falham. As duas se amam com o mais puro amor que possa existir, mas não são capazes de suportar essa realidade e nem mesmo de tocar no assunto.

A peça é um prato cheio para atividades e discussões em sala de aula antes e depois dos alunos assistirem. Várias questões podem ser levantadas não apenas a respeito da vida das personagens, mas também do próprio teatro enquanto linguagem.

Talvez alguns de seus alunos tenham tido poucas oportunidades de assistir peças de teatro. Acredito que essa experiência gere uma troca muito rica entre estudantes, artistas e professores. Uma obra teatral só se completa quando chega ao público, que constrói uma interpretação individual dela. Nesse sentido, quem assiste tem uma função que também é criativa, pois vai conectar aquilo que vê no palco com as experiências que já viveu e assim, construir uma leitura própria. Isso irá estimular a autonomia interpretativa dos alunos e colaborar/estimular o debate sobre cidadania.

A proposta desse projeto é que após o espetáculo tenhamos um bate-papo com os estudantes, estimulando que eles dêem suas opiniões e argumentem. Veja bem, esse momento será conduzido com muito carinho e respeito.

Para que isso aconteça da melhor forma, você professor, é um personagem chave. Os alunos podem ser preparados em sala de aula para esse tipo de experiência. Fazer perguntas à turma é uma excelente maneira de estimulá-los a se colocar e trocar opiniões.

Eles já foram ao teatro? Quantas vezes? O que assistiram? Gostaram? Por quê? Já participaram de uma cena? Já tiveram alguma aula de teatro? O que eles acham de ter uma peça sendo apresentada na escola? São algumas perguntas interessantes sobre o contato deles com a linguagem, que podem ser feitas em sala. Uma boa questão para eles também é a diferença entre ligar um botão em casa para assistir a um filme e estar diante de atores encenando ao vivo. Qual o comportamento que eles acreditam ser o esperado da platéia?

Outra dinâmica interessante é separá-los em duplas e pedir que contem, uns para os outros, alguma situação que viveram durante a vida, uma memória da infância ou um sonho. Pode deixar que, aqueles que quiserem, contem sua história ou a do companheiro para a turma depois. Ouvir e contar histórias estimula o aluno a se situar em seu tempo, refletir sobre o passado e projetar um futuro melhor para si. Tudo isso irá ajudá-los a estarem mais tranquilos no momento da discussão.

Caso queira introduzir, de antemão, os temas propostos na peça, pode fazer perguntas como: você já fez uma declaração de amor? Foi fácil ou difícil? Você acha que existe mais de um tipo de amor? Quais tipos você pode citar? Será que existe algum tipo de amor que não valha à pena? Pessoas de idades diferentes podem ter um romance? E de classes sociais diferentes? E se forem pessoas do mesmo sexo? Uma referencia interessante que dialoga com isso é a música “Paula e Beto”, que diz em uma estrofe: “Qualquer maneira de amor vale a pena, qualquer maneira de amor vale amar.” Se for possível tocar em sala para os alunos, melhor ainda! Que seja uma conversa livre e leve... Os estudantes precisam falar e argumentar com liberdade de expressão.

Este projeto faz parte de minha pesquisa de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Cênicas, por isso, no dia do evento, levarei questionários para que seus alunos respondam. Espero que possa contar com seu apoio. Caso tenha interesse em saber mais a respeito desse tipo de atividade, indico os livros do Flávio Desgranges: “Pedagogia do espectador” e “Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo”

Agradeço muito pela atenção e o espaço disponibilizados. aguardo ansiosa para conhecer sua escola!

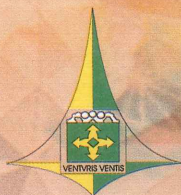
Com carinho,

Marina Paes
Diretora artística

patrocínio

FAC
FUNDO DE APOIO À
CULTURA

Secretaria
de Cultura



apoio



produção

casa
de produções

ALGO QUE NÃO É FALADO



Sabe aquele segredo que você esconde até de si mesmo? Há duas senhoras em uma luxuosa casa. Patroa e empregada há muito tempo. Grace Lancaster, a dama de companhia, cuida de cada detalhe da casa e da rotina da patroa, Cornélia Scott. O espetáculo mostra o que poderia ser uma manhã qualquer na vida de ambas, se não fosse pela data. É o aniversário de quinze anos em que Grace trabalha na casa.

Nesse dia a patroa levantou mais cedo, recolheu a correspondência, preparou o café da manhã, comprou flores e cancelou todos os seus compromissos. É um dia que precisa ser lembrado! O segredo inconcessável que carregam se derrama pelos olhos quando estão a sós. Mais uma vez, elas tentarão conversar sobre o que sentem. Digo "tentarão" porque não é tão simples abandonar nossos segredos, não é mesmo?

O texto do renomado dramaturgo americano Tennessee Williams é antigo, mas ainda assim traz uma discussão extremamente atual: a homo afetividade. Levantar esse tema é importante para estimular a tolerância e o respeito para com os membros da comunidade LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais. O conceito da humanidade que une a todos deve ser cada vez mais fortalecido. Assim investimos em uma sociedade mais harmônica e positiva.

O espetáculo "Algo que Não é Falado" é um espetáculo que nasce da iniciativa de estudantes de artes cênicas da Universidade de Brasília – UnB. Levar um projeto universitário ao público externo é um grande sonho e esse projeto foi cuidado com muito carinho por toda a nossa equipe. Espero que nosso trabalho faça diferença no seu dia. Ele foi feito para você. Agora estamos unidos através do teatro.

Com muito carinho,
Marina Paes

Ficha Técnica

Direção

Marina Paes

Elenco

Brennda Gabriely e Yasmin Barroso

Figurino e Maquiagem

Cyntia Carla

Cenografia

Winnie Trindade e Caio Couto

Sonoplastia

Glauco Maciel

Iluminação e Operação Técnica

Emmanuel Queiroz

Fotografia

Natália Valarini

Filmagem

Lory Simonetti

Arte Gráfica

Danilo Borges

Assessoria de Imprensa

Luiz Felipe Ferreira

Produção

Casa de Produções



1) Qual a sua idade?

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim ☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca ☐ Quase nunca

☐ As vezes ☒ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☐ Sim ☒ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

☐ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim ☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Nos levou a refletir sobre os
nossos medos de expressar com
palavras o que temos e pensamos.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Penso que é importante
para mergulharmos em nossos
medos.

1) Qual a sua idade?

2) Você já foi ao teatro?

☐ Sim ☒ Não

3) Com que frequência?

☒ Nunca ☐ Quase nunca

☐ As vezes ☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim ☐ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

☐ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim ☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Muito interessante quero que volte de
novo essa
escola.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

É um feito de se expressar.

1) Qual a sua idade?

26 anos

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim ☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca ☒ Quase nunca

☐ As vezes ☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim ☐ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

☐ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim ☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Sem edificação nenhuma.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Não agrada "o Deus, o todo poderoso". Porque ele
homem e mulher, ambos sexo diferente, para serem
um só carne.

1) Qual a sua idade?

17 anos

Leo

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim ☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca ☐ Quase nunca

☒ As vezes ☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim ☐ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☐ Muito importante

☒ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim ☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Muito intrigante, fala de uma
corrupção de sentimento, que nunca
foi mencionado, e que quando falado provoca
dor...

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

É um tema que retrata bastante o con-
vívio entre algumas famílias, acho que
se uma das pessoas disse, coisas que pre-
cisam serem ditas, e quando dita provoca
muitas dores e magoas...

Qual a sua idade?

18

Você já foi ao teatro?

☐ Sim ☒ Não

Com que frequência?

☒ Nunca ☐ Quase nunca
☐ As vezes ☐ Sempre

Já teve aula de teatro na escola?

☐ Sim ☒ Não

Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante
☐ Um pouco importante
☐ Não é importante

Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim ☐ Não

O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Um tema muito importante, e que
acontece muito nos dias atuais

O que você pensa sobre o tema tratado?

Penso que toda forma de amor
é válida.

1) Qual a sua idade?

36

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim ☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca ☐ Quase nunca
☒ As vezes ☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☐ Sim ☒ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante
☐ Um pouco importante
☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim ☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Eu achei muito interessante e acho
que deveria ter mais vezes

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Senti alegre e amoroso
me deu vontade de chorar
gostei de mais
nas minhas vezes, na peça de
Teatro

1) Qual a sua idade?

28

Marina Borges
é o noturno
do tema

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim () Não

3) Com que frequência?

() Nunca () Quase nunca
☒ As vezes () Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim () Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante
() Um pouco importante
() Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim () Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Achei excepcional, as atores, a maneira
de interpretar o assunto.
Parabéns à toda equipe...

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Penso que cada ser carrega dentro
de si, sua identidade, e colocá-la pra
fora nem sempre é simples e agradável.

1) Qual a sua idade?

18

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim () Não

3) Com que frequência?

() Nunca ☒ Quase nunca
() As vezes () Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

() Sim ☒ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante
() Um pouco importante
() Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim () Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Ótimo, uma bela história dos
tempos antigos com vocabulário rico
daquele tempo

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Que os olhos mostram a
alma, o sentimento profundo.

desculpem a caligrafia.

Qual a sua idade?

28

Marina 2º C
CG gema

Você já foi ao teatro?

☒ Sim

☐ Não

Com que frequência?

☐ Nunca

☐ Quase nunca

☒ As vezes

☐ Sempre

Já teve aula de teatro na escola?

Estamos tendo nossas aulas. Ihs: As primeiras aulas

☒ Sim

☐ Não

Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

Importantiíssima, pois a cultura brasileira merece desse tipo de arte na escola.

☒ Muito importante

☐ Um pouco importante

☐ Não é importante

Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim

☐ Não

O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

ótimo, super atrativo, bem interpretado e toca a plateia. (pelo menos a mim, inclusive você pensa sobre o tema tratado? sim nos vídeos.)

difícil aceitar e expressar essas diferenças "gritantes."

1) Qual a sua idade?

19 anos

2) Você já foi ao teatro?

☐ Sim

☒ Não

3) Com que frequência?

☒ Nunca

☐ Quase nunca

☐ As vezes

☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim

☐ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

☐ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim

☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Muito legal, interessante
Gostei.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Que as pessoas tem sim, que falam o que sentem para as outras mas não importam o preconceito

1) Qual a sua idade?

17 anos

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim ☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca ☐ Quase nunca

☒ As vezes ☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim ☐ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

☐ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim ☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Muito bom. Apesar de não falarem "o que sentiam", dava para perceber nas reações.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Muitas vezes nos calam por coisas que estão entaladas. Temos que falar o que sentimos, pois as vezes perdemos oportunidades que nunca vão voltar.

1) Qual a sua idade?

17 anos

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim ☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca ☐ Quase nunca

☐ As vezes ☒ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim ☐ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

☐ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim ☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Muito bom. Apesar de não falarem "o que sentiam", dava para perceber nas reações. Apesar de não falarem "o que sentiam", dava para perceber nas reações. Apesar de não falarem "o que sentiam", dava para perceber nas reações.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Muitas vezes nos calam por coisas que estão entaladas. Temos que falar o que sentimos, pois as vezes perdemos oportunidades que nunca vão voltar.

1) Qual a sua idade?

47 anos

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim () Não

3) Com que frequência?

() Nunca ☒ Quase nunca

() As vezes () Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim () Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

() Um pouco importante

() Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim () Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Muito bom, produção bem cuidada e os atores me surpreenderam, dada a expressividade de suas caracterizações.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Que devemos nos preocupar mais com o que é real, não importando com convenções humanas que no fim serão passageiros, assim como passageiro será o não vivido, o não sentido. O mundo gira, mas nunca veremos, vivemos, ou estaremos em um mesmo ponto passado ou situação; enfim "temos que cultivar o nosso Brasil"... e os outros... são, os outros!

1) Qual a sua idade?

19 anos

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim () Não

3) Com que frequência?

() Nunca () Quase nunca

☒ As vezes () Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim () Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

() Um pouco importante

() Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim () Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Adorei. As expressões, os diálogos, os sentimentos, a realidade, amei.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Fez com que pensasse naquilo que pensamos e ficamos com medo de falar e amargar as pessoas.

1) Qual a sua idade?

16 anos

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim () Não

3) Com que frequência?

() Nunca ☒ Quase nunca

() As vezes () Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim () Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

() Um pouco importante

() Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim () Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Achei bastante interessante, muito bem organizado.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Acho que não é certo relacionamento de pessoa igual, ex: mulher com mulher

1) Qual a sua idade?

17

2) Você já foi ao teatro?

() Sim ☒ Não

3) Com que frequência?

☒ Nunca () Quase nunca

() As vezes () Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim () Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

() Um pouco importante

() Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim () Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Muito bom, omei, espetacular abre muito a mente de muita gente.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Esse tema mostra que nós temos que aprender dizer "algo que não é falado" que nesse sentimento, carinho, amor tem que ser recíproco.

1) Qual a sua idade?

17

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim

☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca

☒ Quase nunca

☐ As vezes

☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☐ Sim

☒ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

☐ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim

☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

A forma como abordaram um tema "polêmico" foi interessante.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Acho que os meios de comunicação deveriam abordar cada vez mais esse tema, para assim, outras pessoas pensarem melhor sobre o seu julgamento em relação à escolha que cada um tem sobre sua

1) Qual a sua idade?

17 anos.

2) Você já foi ao teatro?

☐ Sim

☒ Não

3) Com que frequência?

☒ Nunca

☐ Quase nunca

☐ As vezes

☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim

☐ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

☐ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim

☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Muito bom - As atrizes, a sonorização, os efeitos e a iluminação foi excelente! Parabéns...! Sucesso...
#Paratodos

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Acho muito interessante, e gostaria que estivesse mais presente nos nossos dia-a-dia.

1) Qual a sua idade?

19 anos

2) Você já foi ao teatro?

() Sim

(X) Não

3) Com que frequência?

(X) Nunca () Quase nunca

() As vezes () Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

() Sim

(X) Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

(X) Muito importante

() Um pouco importante

() Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

(X) Sim

() Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Foi uma peça muito interessante,
lindas expressões.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Eu não pensava nada. depois dessa
peça teatral vihu com outro olhar

1) Qual a sua idade?

19

2) Você já foi ao teatro?

(X) Sim

() Não

3) Com que frequência?

() Nunca (X) Quase nunca

() As vezes () Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

() Sim

(X) Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

(X) Muito importante

() Um pouco importante

() Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

(X) Sim

() Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

É um espetáculo que trata uma realidade antiga, sendo algo bem
interessante, abrindo os olhos dos espectadores para tentar aca-
bar o preconceito.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

É um tema bem atualizado, hoje em dia, no qual muitos falam
deste assunto, mas é um tema bem importante

1) Qual a sua idade?

38 anos

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim

☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca

☒ Quase nunca

☐ As vezes

☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim

☐ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☐ Muito importante

☒ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim

☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Achei interessante, pois foi bem feito e as atrizes fizeram muito bem o seu papel.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Teatro é algo que faz as pessoas sentirem alegria e algo que nos torna felizes.

1) Qual a sua idade?

2) Você já foi ao teatro?

☐ Sim

☒ Não

3) Com que frequência?

☒ Nunca

☐ Quase nunca

☐ As vezes

☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☐ Sim

☒ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

☐ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim

☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

A encenação foi ótima, os atores espetaculares

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Que na criação dos seres humanos um foi feito para complementar o outro coisas que não acontece na cena tratada.

1) Qual a sua idade?

18

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim

☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca

☒ Quase nunca

☐ As vezes

☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim

☐ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☐ Muito importante

☒ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim

☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Achei o espetáculo legal, mas com uma linguagem um pouco difícil.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Penso que está errado mesmo, duas pessoas do mesmo sexo. As pessoas estão sem o que fazer e estão inventando moda.

1) Qual a sua idade?

18 anos

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim

☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca

☒ Quase nunca

☐ As vezes

☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim

☐ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☐ Muito importante

☒ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim

☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

É um bom espetáculo para mostrar para as pessoas que infelizmente a sociedade não evoluiu com o sentimento de amor.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

É a verdade, pois hoje em dia as pessoas não falam muitas coisas por medo do que possa acontecer.

1) Qual a sua idade? 17

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim () Não

3) Com que frequência?

() Nunca ☒ Quase nunca

() As vezes () Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim () Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

() Muito importante

☒ Um pouco importante

() Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim () Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Bom!

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Acho que há coisas que não devem ser faladas, mas se tratando de sentimento acho bom se abrir com o próximo.

1) Qual a sua idade? 17

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim () Não

3) Com que frequência?

() Nunca ☒ Quase nunca

() As vezes () Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim () Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

() Muito importante

☒ Um pouco importante

() Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim () Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Algo interessante, que ao mesmo tempo mostra o afeto de uma pessoa em relação a outra, há o afeto que em si não é correspondido.

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Que é um tema de ser tratado, discutido e conversado.

1) Qual a sua idade?

44

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim ☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca ☐ Quase nunca

☒ As vezes ☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☐ Sim ☒ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☒ Muito importante

☐ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim ☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"? *O texto é impecável. A introdução com vídeos foi conveniente, principalmente, para um público pouco acostumado com o teatro e a sutileza do texto. A estratégia de se sentar nos puffes não foi bom, chegou a ser irritante.*

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

Um tema que ganha mais e mais espaço na mídia e ainda está cercado de preconceitos e tabus, apesar de existir desde que o mundo é o mundo.

1) Qual a sua idade?

18

2) Você já foi ao teatro?

☒ Sim ☐ Não

3) Com que frequência?

☐ Nunca ☒ Quase nunca

☐ As vezes ☐ Sempre

4) Já teve aula de teatro na escola?

☒ Sim ☐ Não

5) Qual a importância de peças serem apresentadas em sua escola?

☐ Muito importante

☒ Um pouco importante

☐ Não é importante

6) Você gostaria de assistir outras peças de teatro?

☒ Sim ☐ Não

7) O que você achou do espetáculo "Algo que não é falado"?

Achei SUPER importante por que ela sendo assistida por mais e mais pessoas acaba que abrija mais

8) O que você pensa sobre o tema tratado?

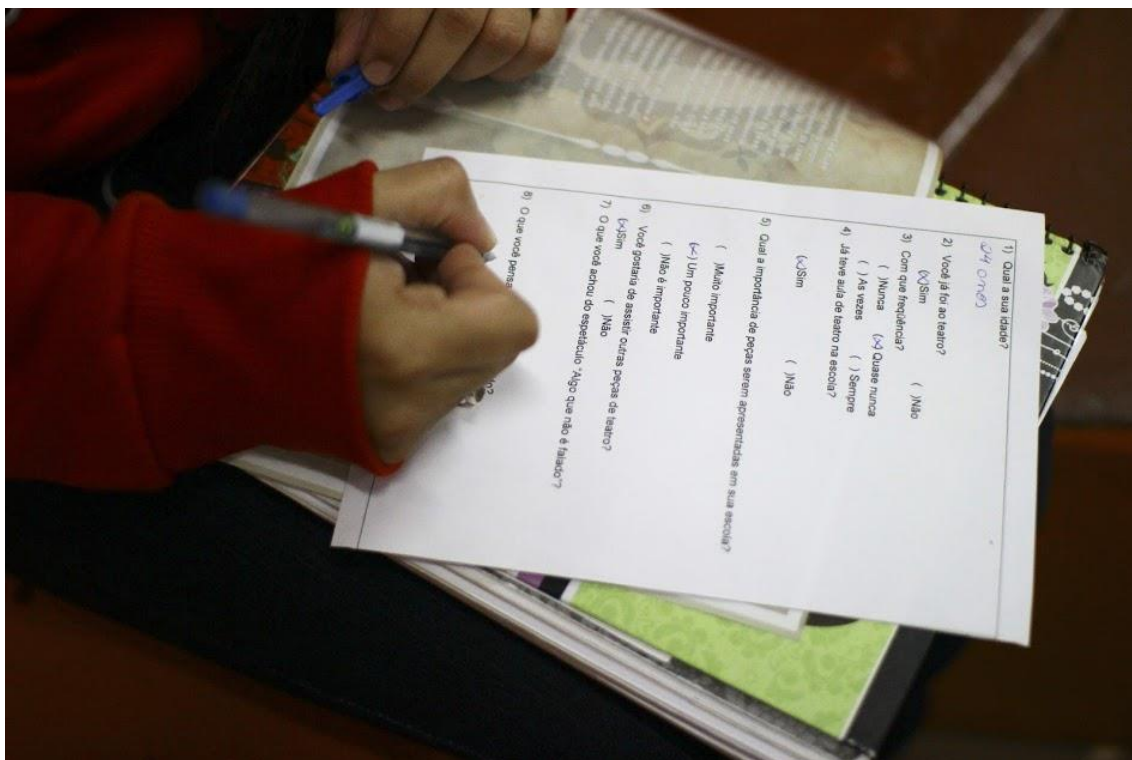
Achei que esse tema é muito delicado pois mexe com todos os preconceitos e valores sobre o assunto.

A trilha sonora é de excelência, assim
Parabéns ^{como a iluminação.} pela atitude do grupo em levar
o tema e o belíssimo texto para a esada.

Fotos do espetáculo “Que não é Falado”



Atrizes Yasmin Barroso e Brennda Gabrielly logo após a apresentação em uma das escolas.



Aluna respondendo o questionário após assistir ao espetáculo “Algo que não é Falado”.



Alunas com programa da peça após assistir aos espetáculo “Algo que não é Falado”



Programa da peça sobre as carteiras a espera dos alunos, minutos antes de começar o espetáculo.

ALGO QUE NÃO É FALADO

de Tennessee Williams

Traduzido por Sérgio B. Café

PERSONAGENS:

Cornélia Scott

Grace Lancaster

(Senhorita Cornélia Scott, uma rica solteirona sulista de sessenta anos está sentada a uma mesa de mogno, posta para duas pessoas. O outro lugar, ainda não ocupado, tem à sua frente uma rosa num jarro de cristal. Sobre a mesa, perto de si, Miss Scott tem um telefone de pé, uma bandeja de prata para correspondência e um bule de café em prata trabalhada. Um toque majestoso é dado pelos reposteiros de veludo púrpura, logo atrás de sua figura à mesa. Na periferia da área iluminada, o móvel do gramofone.

Ao levantar das cortinas, ela está discando o telefone).

CORNÉLIA — É da residência da Senhora Horton Reid? Estou telefonando da parte da Senhorita Cornélia Scott. A Senhorita Scott sente muito por não poder ir à reunião das Filhas da Confederação esta tarde por ter acordado com dor de garganta, e por isto terá de ficar de cama. Poderia, por favor, transmitir à Senhora Reid suas desculpas por não ter avisado mais cedo? Obrigada. Oh, um momento! Creio que a Senhorita Scott tem mais um recado.

(Grace Lancaster entra na área iluminada. Cornélia ergue a mão, num aviso).

O que é, Senhorita Scott? (há uma pequena pausa). Ah. A Senhorita Scott gostaria que a Senhorita Esmeralda Hawkins telefonasse para ela assim que chegasse. Obrigada. Até logo.. (desliga) Como você está vendo, tive que personificar minha secretária esta manhã!

GRACE — O dia estava tão escuro que não acordei.

(Grace Lancaster tem quarenta ou quarenta e cinco anos, envelhecida mas ainda bonita. Seu cabelo louro, que pouco a pouco se torna grisalho, seus olhos opacos e sua silhueta esbelta num "robe de chambre" de seda rosa lhe dão um quê insubstancial em franco contraste com a grandeza romântica da Senhorita Scott. Existe entre as duas mulheres uma misteriosa tensão, uma atmosfera de algo que não é falado).

CORNÉLIA — Já abri a correspondência.

GRACE — Algo de interessante?

CORNÉLIA — Um cartão de Thelma Peterson; está na Clínica Mayo.

GRACE — Oh, e como ela está?

CORNÉLIA — Ela diz que está "pregredindo lindamente", seja lá o que isto queira dizer.

GRACE — Ela teve que extrair alguma coisa?

CORNÉLIA — Várias coisas, creio eu.

GRACE — Oh, veio a "Revista Quinzenal da Literatura Contemporânea"!

CORNÉLIA — Para meu grande espanto. Pensei ter cancelado minha assinatura desta publicação.

GRACE — Verdade, Cornélia?

CORNÉLIA — Claro que você se lembra. Cancelei minha assinatura imediatamente depois que foi publicado aquele ataque grosseiro ao meu primo Cecil Tutwiler Bates, o único romancista digno que o Sul já produziu desde Thomas Nelson Page.

GRACE — Ah, sim, eu me lembro. Você escreveu uma carta de protesto furiosa ao editor da revista e recebeu uma resposta tão conciliatória, de uma redatora associada chamada Caroline alguma-coisa, que você se acalmou completamente e cancelou o cancelamento!

CORNÉLIA — Nunca ninguém conseguiu me "acalmar completamente" com respostas conciliatórias, nem mesmo parcialmente, e se eu escrevi para o editor chefe e me respondeu uma redatora associada, minha reação àquela impertinência dificilmente seria o que você chama de "me acalmar".

GRACE — (mudando de assunto)

Oh, o catálogo novo da loja de discos, em Atlanta!

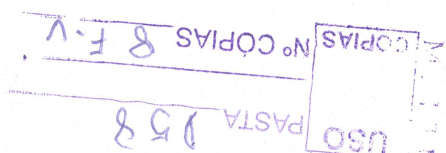
CORNÉLIA — (condescende) — sim, aí está.

GRACE — Estou vendo que você marcou vários artigos.

CORNÉLIA — Acho que deveríamos enriquecer nossa coleção de peças alemãs.

GRACE — Você marcou um disco de Sibelius que já temos.

CORNÉLIA — Está um pouco arranhado (ela faz uma inspiração profunda e suspira, o olhar fixo sobre



truir meu jardimeiro a servir de cidadão, mas não para bandos de Descendentes dos Primeiros Colonizadores, não depois da devastação que meu jardim sofreu na última primavera, com os tais "descendentes" vindo com cachorros, apanhando flores e — Sim, você será muitíssimo bem-vinda, sim, até logo! (*devolve o telefone à Grace*).

GRACE — Acho que a eleição lhe daria menos tensão se você tivesse ido, Cornelia.

CORNELIA — Não sei do que você está falando.

GRACE — Você não está na concorrência?

CORNELIA — "Na concorrência"? Como assim "na concorrência"?

GRACE — Bem, ha ha! — se candidatando a algum posto!

CORNELIA — Você alguma vez ouviu falar de mim "me candidatando" para alguma coisa, Grace? Toda vez que assumi um cargo numa sociedade ou num clube foi por insistência dos membros, porque na verdade tenho verdadeira aversão a ocupar qualquer cargo. Mas agora é outra coisa; uma coisa completamente diferente. É como um teste. Você sabe, eu já sei há algum tempo, há um grupo, uma "clique", dentro das Con-federadas, que é hostil a mim!

GRACE — Ah, Cornelia, tenho certeza que você deve estar errada.

CORNELIA — Não; há um movimento contra mim.

GRACE — Um movimento? Um movimento contra você?

CORNELIA — Um movimento organizado para me manter fora de qualquer cargo importante.

GRACE — Mas você não teve sempre algum posto importante na sociedade?

CORNELIA — Nunca fui presidente do Conselho!

GRACE — Oh, você quer ser presidente?

CORNELIA — Não. Você me entendeu mal. Eu não "quero" ser presidente.

GRACE — Hum?

CORNELIA — Eu não "quero" ser absolutamente nada. Eu simplesmente quero acabar com este movimento e é para este propósito que conclamei meus reforços.

GRACE — Seus — *reforços?* (*seus lábios se crispam ligeiramente como se ela tivesse um impulso histérico para sorrir*).

CORNELIA — Sim. Eu tenho alguns amigos na sociedade que resistiram ao movimento.

GRACE — Oh?

CORNELIA — Eu tenho o sólido apoio de todos os membros mais antigos da banda.

GRACE — Bem, então creio que você não tem nada a temer!

CORNELIA — A sociedade tem se expandido muito rapidamente nos últimos tempos. Têm sido admitidas mulheres que não sentariam seguet nos primeiros bancos da Segunda Igreja Batista! E esta é a infame verdade.

GRACE — Mas já que é uma sociedade patriótica...

CORNELIA — Minha querida Grace. Há duas sociedades das Filhas Confederadas na cidade de Meridian. Há a divisão de Forrest, que é para

a arraiá-miúda, e há esta divisão em que eu *deveria* ter um pouco mais de distinção! Eu não sou esnobe. Não sou nada mais que uma democrata. Você sabe disto? Mas — (*o telefone toca. Cornelia o apanha e o passa à Grace*).

GRACE — Residência da Senhorita Scott! Oh, sim, sim, um momento! (*passa o fone para Cornelia*) É Esmeralda Hawkins.

✕ CORNELIA — (*ao telefone*) — Você está aí em cima agora, meu bem? Bem, eu imaginei; levou tanto tempo para você ligar de volta! Oh, mas eu pensei que você tivesse dito que o almoço tinha terminado. Bem, fico satisfeita por você ter se alimentado. Em que consistiu o "buffet"? Galinha à la king? Era de se esperar! É tão característico da pobre Amélia! Com pedacinhos de pimentão-doce e "champignons"? Como terão se arranjado as senhoras em dieta! Coitadas! E depois suponho que tenha havido sorvete de limão e profiteroles. O que? Sorvete de limão? E sem profiteroles? Que começo! Que terrível profanação! Estou pasmada! Ha ha ha... (*trêmula, ela alcança sua xícara*). Agora, o que está acontecendo? Discutindo o Programa dos Direitos Cívicos? Então eles não vão iniciar a votação até pelo menos daqui a meia hora! — Agora, Esmeralda eu espero *realmente* que você entenda minha posição claramente. Eu não quero exercer nenhum cargo a não ser que seja por aclamação. Você sabe o que isto significa, não sabe? É um termo parlamentar. E usado quando alguém é desejado para um cargo com tal unanimidade que qualquer voto se faz desnecessário. Em outras palavras, eleito automaticamente, simplesmente por nomeação,

CORNELIA — Sim! E completamente desonesto!

GRACE — Música? Desonesto?

CORNELIA — Completamente! “Suaviza as coisas” ao invés de falar nelas...

GRACE — “O encantamento da música acalma o coração mais selvagem”.

CORNELIA — Oh, sim, claro, se o coração selvagem permitir.

GRACE — Oh, sublime, sublime...

CORNELIA — (*Malgrado seu*) — Landowska é uma artista de rara precisão.

GRACE — (*em êxtase*) — Com um rosto tão nobre, um perfil tão lindo e forte como o de Edith Sitwell.

CORNELIA — Querida, será que não há alguma coisa que você deixou de reparar?

GRACE — Onde?

CORNELIA — Exatamente debaixo do seu nariz.

GRACE — Oh! Você quer dizer minha flor?

CORNELIA — Sim! Estou querendo dizer sua rosa!

GRACE — Claro que reparei na minha rosa, no momento em que entrei na sala eu a vi aqui!

CORNELIA — Você não fez qualquer alusão a ela.

GRACE — Eu teria, mas você estava tão preocupada com a reunião.

CORNELIA — Eu não estou preocupada com a reunião.

GRACE — A quem devo agradecer por esta adorável rosa? à minha bondosa patroa?

CORNELIA — Você vai encontrar mais quatorze em sua mesa na biblioteca quando você for se encarregar da correspondência.

GRACE — Mais quatorze rosas?

CORNELIA — Um total de quinze!

GRACE — Que maravilha! Porque quinze?

CORNELIA — Há quanto tempo você está aqui, querida? Há quanto tempo você vem fazendo desta casa uma casa de rosas?

GRACE — Que maneira linda de se referir a isto! Ora, é claro! Tenho sido sua secretária por quinze anos!

CORNELIA — Há quinze anos minha acompanhante! Uma rosa para cada ano, um ano para cada rosa!

GRACE — Que jeito adorável de mencionar a ocasião.

CORNELIA — Primeiro eu pensei em pérolas, depois pensei: “não, rosas, mas talvez eu devesse ter dado a você algo de ouro, ha ha! “o silêncio é de ouro”, dizem!

GRACE — Oh, querida, aquele estúpido fonógrafo está tocando de novo o mesmo disco!

CORNELIA — Deixe, deixe, eu gostei!

GRACE — Deixe eu só...

CORNELIA — Sente-se! Foi há quinze anos atrás nesta mesma manhã, seis de novembro, que alguém muito doce, suave e silenciosa — uma viúvinha tímida, pequena, quieta — apareceu pela primeira vez no número sete da Estrada Edgewater. Era o Outono. Eu estava estendendo folhas mortas sobre as roseiras, para protegê-las da gada, quando ouvi passos sobre o cascalho, passos leves,

rápidos e delicados como a primavera se aproximando no meio do outono, e olhei, e com toda a certeza lá estava a primavera! Uma pessoa tão leve, que a luz brilhava através dela como se ela fosse feita da seda de uma sombrinha branca! (*Grace emite uma risadinha surpresa. Mas soada, Cornelia diz asperamente:*) Porque você ri? Porque você riu dessa maneira?

GRACE — Soava — ha ha! — soava como primeiro parágrafo de um conto numa revista feminina.

CORNELIA — Que observação sarcástica!

GRACE — Eu não queria dar esta conotação, eu —

CORNELIA — Que outra conotação você queria dar?

GRACE — Cornelia, você sabe como eu sou! Sentimentalismo sempre me embaraça um pouco, não é?

CORNELIA — Sim, você tem medo de tudo que deixe ver alguma emoção!

GRACE — Pessoas que não conhecem você bem, quase todas as pessoas que conhecemos, ficariam espantadas em ouvir você, Cornelia Scott, aquela senhora séria e digna, se expressando de uma maneira tão lírica.

CORNELIA — As pessoas que não me conhecem são todas as pessoas! Sim, acho que até você!

GRACE — Cornelia, você tem de admitir que ser sentimental não é de você.

CORNELIA — Nada é meu a não ser o silêncio? (*o relógio tiquetaqueia alto*). Estou condenada a silenciar durante toda a vida?

As pessoas dos arredores, todas são um pouco — intimidadas por você. Elas sentem sua força e admiram você por isto. Elas vêm a você para que você lhes dê opiniões sobre isto ou aquilo. Quais as peças da Broadway são as melhores da temporada, quais os livros que valem a pena ser lidos e, quais são ruins, e quais discos são valiosos, qual a atitude correta perante projetos de lei no Congresso! Oh, você é uma fonte de sabedorias! Além disto, você tem sua — riqueza! Sim, você tem sua *fortuna!* Todas as suas propriedades, seu gado premiado, suas hipotecas, sua mansão na estrada Edgewater, sua... secretária-zinha tímida, seus jardins fabulosos que os Descendentes dos Primeiros Colonizadores não podem pisar.

CORNELIA — Oh, sim! Agora você está falando, agora você está falando! Continue, por favor, continue falando.

GRACE — Eu sou bem diferente! Também estou ficando acinzentada, mas meu tom de cinzento é diferente. Não é o do ferro, como o seu, não é imperial, Cornelia, mas cinzento, sim, cinzento, da cor de... uma teia-de-aranha... (*ela recoloca o disco, que passa a tocar muito baixo*). Algo que era branco e que está ficando sujo, o cinzento de uma coisa esquecida. (*O telefone toca outra vez. Nenhuma das duas parece notá-lo*). E neste caso, sendo esta a diferença entre nossas duas tonalidades de cinza, a sua e a minha, você não deve esperar que eu dê respostas corajosas a perguntas que fazem a casa tremer em seu silêncio! Falar de coisas que não foram faladas durante quinze anos! Este tempo pode fazer do silêncio uma parede que nada, a não ser dinamite, pode quebrar e (*ela*

apanha o telefone) eu não sou forte o suficiente, corajosa o suficiente —

CORNELIA — (*Furiosamente*) —

Você está falando para o telefone!

GRACE — (*Ao telefone*) — Alô? Oh, sim, ela está aqui. É Esmeralda Hawkins. (*Cornelia agarra o telefone*).

CORNELIA — O que é, Esmeralda?

O que é que você está dizendo, a sala está repleta de mulheres! Um falatório! O que você está tentando me dizer? Elas já fizeram a eleição? Hein, hein, hein? Oh, isto é de enlouquecer! Não consigo ouvir uma palavra do que você está dizendo, parece até Quatro de Julho, uma grande comemoração! Ha ha, agora tente uma vez mais com a boca, mais perto do fone! O que, o que? Se eu gostaria de que? Você não pode estar falando sério! Você está maluca? (*fala para Grace, com pânico na voz*). Ela quer saber se eu gostaria de ser vice-presidente! (*ao telefone*) Esmeralda! Está me ouvindo? O que está acontecendo? Por que você me ligou antes da votação?

Mais alto, por favor fale mais alto, e chegue a boca bem perto do telefone — alguém pode estar escutando! Quem perguntou se eu aceitaria a vice-presidência, querida? Oh a Senhora Colby, é claro! Aquela megera traíçoera! Esmeralda! Escute! eu não vou aceitar nenhum cargo que não seja o mais alto! Você entendeu? Não vou aceitar nenhum cargo a não ser... Esmeralda! (*num gesto abafado, ela recoloca o telefone no gancho*).

GRACE — Elas já fizeram a eleição?

CORNELIA — (*Pasma*). O que? Não, está havendo um recesso de cinco minutos antes do início...

GRACE — As coisas não estão indo bem?

CORNELIA — Ela perguntou "Você aceitaria a vice-presidência se por alguma razão elas não te elegeram presidente?". Depois ela desligou como se alguém tivesse tirado o telefone dela, ou se a casa tivesse — pegado fogo!

GRACE — Você gritava tanto que ela deve ter ficado assustada.

CORNELIA — Em quem você pode confiar neste mundo, com quem você pode contar?

GRACE — Acho que você deveria, talvez, ter ido à reunião.

CORNELIA — Creio que minha ausência deve ter tido muito mais efeito.

GRACE — (*levantando-se novamente*) — Posso sair, agora?

CORNELIA — Não! Fique aqui!

GRACE — Se isto é apenas um pedido, eu —

CORNELIA — É uma ordem! (*Grace senta e fecha os olhos*). Quando você veio para esta casa pela primeira vez... Você sabe que eu não esperava que viesse?

GRACE — Ora, mas, Cornelia, você havia me convidado.

CORNELIA — Nós mal nos conhecíamos.

GRACE — Nos encontramos no verão anterior quando Ralph ainda...

CORNELIA — Ainda vivia! Sim, nos encontramos em Sewanes, ele era instrutor de educação física lá.

GRACE — Ele já estava doente.

CORNELIA — Pensei que era uma pena que aquela moça adorável e delicada não havia encontrado nin-